Abril

fascículo 4 1950 BRASIL

IBAMA
PROCONVE
HOMOLOGADO
PARCEIRO DO INSTITUTO CRIAR DE TV E CINEMA
CROSSFOX

O SEU ESPÍRITO AVENTUREIRO DEIXOU DE SER ESPÍRITO.
VWB·1234
Novo CrossFox.
Compacto pra quem vê,
valente pra quem anda.
CROSS
This One
R3YY-2PB-80KE

O maior (e pior) título

O quarto fascículo da saga da Jules Rimet, que você tem em mãos, traz um relato completo de uma das páginas mais tristes do futebol brasileiro: a Copa de 1950. Jogando em casa, nossa Seleção conquistou o maior (e o pior) título de sua história até então: o vice-campeonato mundial. Mesmo quem nasceu depois daquele 16 de julho é capaz de falar em detalhes sobre a tragédia que tomou conta do Maracanã assim que Ghiggia fez 2 x 1 para o Uruguai, já perto do fim da partida. Tudo estava pronto para celebrar a vitória do escrete verde-amarelo – mas nada deu certo naquela tarde e o estádio superlotado se transformou em palco de uma gigantesca frustração coletiva. Max Gehringer, com seu texto leve e cheio de informação, relembra essa passagem tão importante da nossa trajetória nos gramados. Nestas páginas, é possível descobrir que o Brasil foi o único país que se apresentou para sediar a Copa após o encerramento da Segunda Guerra. Que, mais uma vez, muitas federações desistiram de participar das eliminatórias (a chave principal deveria ter 16 seleções, mas apenas 13 vieram para a disputa). E que a organização do torneio foi bem eficiente, com destaque para a construção do maior estádio do mundo em um tempo relativamente rápido e a um custo razoável para os padrões da época. Esta edição traz ainda os perfis dos campeões e também dos craques que compunham a delegação brasileira, além do tradicional tabelão com os 22 jogos realizados, marca registrada de Placar. A medalha entregue aos jogadores ao final da competição, reproduzida acima, é apenas uma das belas imagens que ilustram as reportagens. E em janeiro tem mais. Nosso quinto fascículo vai contar tudo sobre a Copa de 1954, na Suíça.

Max Gehringer

foi executivo de grandes empresas, é colunista de várias revistas e um dos principais conferencistas do país. Mas sua verdadeira paixão é a bola. Dono de uma respeitável biblioteca e videoteca de futebol, ele passou os últimos anos colecionando fatos sobre as Copas. Sua missão é contar de forma bem humorada a história dos Mundiais sem reproduzir erros que se repetem de geração em geração.

Acompanhe os fascículos da saga da Jules Rimet

Fascículo 1 Uruguai 1930
Fascículo 2 Itália 1934
Fascículo 3 França 1938
Fascículo 4 Brasil 1950
Fascículo 5 Suíça 1954
Fascículo 6 Suécia 1958
Fascículo 7 Chile 1962
Fascículo 8 Inglaterra 1966
Fascículo 9 México 1970

Fundador: VICTOR CIVITA
(1907-1990)

Presidente e Editor: Roberto Civita
Vice-Presidente e Diretor Editorial: Thomaz Souto Corrêa
Presidente Executivo: Maurizio Mauro
Diretor Secretário Editorial e de Relações Institucionais: Sidnei Basile
Vice-Presidente Comercial: Deborah Wright
Diretora de Publicidade Corporativa: Thaís Chede Soares B. Barreto
Diretor-Geral: Jairo Mendes Leal
Diretor Superintendente: Paulo Nogueira

Diretor de Redação: Sérgio Xavier Filho

Editor Especial: Arnaldo Ribeiro **Editor de Arte:** Rodrigo Maroja
Editores: Gian Oddi, Maurício Ribeiro de Barros
Coordenação: Silvana Ribeiro **Atendimento ao leitor:** Virgilio Sousa
Colaboraram nesta edição
Texto: Max Gehringer
Edição: Gabriel Pillar Grossi
Edição de Arte: Marcel Votre e Marcio Penna
Edição de Fotografia: Ricardo Corrêa

www.placar.com.br

Soldados do Exercito americano fincam uma bandeira dos Estados Unidos no Monte Suribachi, após a batalha de Iwo Jima, no Japão: a cena, refeita a pedido do fotógrafo Joe Rosenthal, se tornou um dos símbolos da vitória dos aliados na Segunda Guerra Mundial

Vai que é sua, Brasil

Em 1938, Alemanha, Argentina e Brasil se propunham a sediar a Copa de 1942. Mas, uma vez terminada a Segunda Guerra, só nós continuávamos interessados em reorganizar a grande festa do futebol

Em 4 de junho de 1938 – dia da abertura da Copa da França –, a Fifa se reuniu na sede do Automóvel Clube de Paris para avaliar as candidaturas para o Mundial seguinte, marcado para 1942. A proposta mais forte era a da Alemanha, representada por Felix Linnemann – dirigente da própria Fifa desde 1921. Os alemães vinham manifestando interesse em organizar a grande festa do futebol desde os **Jogos Olímpicos de Berlim**, em 1936, que demonstraram a competência germânica para organizar eventos. Concorrendo com a Alemanha estavam Brasil e Argentina, que apresentaram o mesmo argumento: as duas Copas anteriores haviam sido disputadas na Europa e, agora, era a vez da América do Sul. Segundo o representante da CBD, o jornalista Célio Negreiros de Barros, o Brasil merecia a indicação por ter sido o único país sul-americano a mandar uma Seleção para a Europa tanto em 1934 quanto em 1938. A Argentina, por seu lado, alegava ter prioridade por já ter sido preterida duas vezes, na escolha das sedes de 1930 e 1938.

A decisão de realizar a Olimpíada em Berlim já tinha sido tomada quando Adolf Hitler assumiu o poder na Alemanha, em 1933. Os nazistas, que inicialmente achavam as competições uma bobagem, logo viram no evento a chance de provar ao mundo a superioridade da raça ariana *(foto)*. E organizaram os jogos de forma impecável, garantindo que tudo funcionasse à perfeição. Mais de 4,5 milhões de ingressos foram vendidos para as mais de 120 provas realizadas, nas quais foram batidos 15 recordes mundiais e 49 olímpicos.

Jules Rimet anunciou que a Fifa avaliaria as três propostas – com o favoritismo pendendo para a Alemanha –, mas que a decisão final só seria tomada em 1940, no congresso da entidade marcado para Luxemburgo. Em fevereiro de 1939, numa diplomática viagem à América do Sul para minimizar as críticas de excesso de europeísmo, o presidente da federação visitou Buenos Aires. E insinuou que, caso a Alemanha desistisse, a Argentina sediaria a Copa de 1942. Uma semana depois, ele visitou o Rio de Janeiro e também foi muito simpático, embora menos enfático quanto às chances brasileiras. Mas tudo virou pó em setembro de 1939: ao invadir a Polônia, os alemães deflagraram a Segunda Guerra Mundial. O congresso do ano seguinte foi cancelado e as Copas previstas para 1942 e 1946 simplesmente não aconteceram, por razões óbvias. Terminada a Guerra, a Fifa voltou a se reunir, em 25 de julho de 1946, novamente em Luxemburgo. Para descobrir que só existia um país ainda disposto a sediar o próximo Campeonato Mundial: o Brasil.

Começam os preparativos

Assim, 34 países filiados à Fifa confirmaram o óbvio: a Copa seria mesmo no Brasil e em 1950 (havia uma proposta para realizá-la em 1949). Quatro outras decisões foram tomadas na mesma reunião: (1) rebatizar a Copa de Jules Rimet, como homenagem aos 25 anos do francês à frente da Fifa; (2) designar a Suíça como sede do Mundial de 1954; (3) aceitar o retorno dos países britânicos, que haviam se desligado da Fifa em 1928; (4) expulsar Alemanha e Japão, mas não a Itália, que formara com os outros dois países o tríplice Eixo. A iniciativa foi um reconhecimento aos esforços do presidente da Federação Italiana, Ottorino Barassi, para preservar a taça conquistada em 1938, em Paris. Barassi secretamente levara o troféu para a Suíça, onde ele permaneceu (depositado no cofre da Fifa, em Zurique) até o fim da Segunda Guerra, em 1945.

O comitê responsável pela Copa de 1950 foi composto por um holandês, Karel Lotsy, um inglês, Stanley Rous (que, em 1961, se tornaria presidente da Fifa), um brasileiro, Sotero Cosme, e dois experientes veteranos de Mundiais anteriores: o francês Henri Delaunay e o alemão Ivo Schricker (que, em 1931, se tornara o primeiro funcionário regular da Fifa, na função de secretário). Uma das primeiras resoluções do comitê foi de que a Copa do Brasil seria a primeira disputada por jogadores com camisas numeradas, de 1 (que o mesmo comitê determinava que fosse o goleiro) até 11. Inédita no maior torneio de seleções, a numeração não era novidade no futebol: o Arsenal, equipe da Inglaterra, usou-a pela primeira vez em 1928. E aqui mesmo no Brasil elas já eram praxe desde a metade da década de 1940.

Surgem novas regras

Em 1947, no congresso da Fifa em Paris, o Brasil apresentou duas propostas de mudança na fórmula de disputa. A primeira: as oitavas-de-final teriam grupos e não eliminatórias simples. Isso evitaria que um país europeu viesse a passar pelo dissabor que nossa Seleção passara durante a disputa na Itália, em 1934: fazer uma longa viagem através do Atlântico para jogar uma única partida. A Fifa aprovou. Já a segunda sugestão era bem mais radical: eliminar também o mata-mata das semifinais. A idéia era que os quatro países classificados na primeira fase disputassem um minitorneio por pontos corridos, todos contra todos, na fase final.

Confira a lógica dos compatriotas de quase seis décadas atrás: esse sistema, além de ser mais justo, produziria mais jogos, mais emoção – e mais arrecadação. Alguns delegados da Fifa ponderaram que isso era muito arriscado. Porque, dependendo dos resultados, dois times com chances de ganhar a Copa poderiam nem jogar entre si na última rodada. Mas os brasileiros insistiram e, por uma apertada margem, conseguiram aprovar o pleito. O francês Henri Delaunay, um dos que foram contra, retirou-se do comitê organizador em sinal de protesto.

Um ano mais tarde, em Londres, os organizadores definiram outra proposta que acabaria por se revelar excessivamente otimista. Antes mesmo do início das eliminatórias, foram definidos os grupos e os cabeças de chave do Mundial. Mas algumas desistências, principalmente de países que formariam o grupo IV, tiveram graves reflexos na disputa. A Fifa ainda tentou convencer outras federações a "tapar o buraco", mas não obteve sucesso, como se pode ver na próxima reportagem, que conta todos os detalhes das eliminatórias.

Sadia
www.sadia.com.br

Salsichas Sadia. As mais gostosas agora também são as mais diferentes.

Novas Salsichas Sadia. Descubra os Sabores do Brasil.

SURPRESAS DESAGRADÁVEIS

No total, 32 países se inscreveram para participar das eliminatórias, mas houve tantas desistências (antes e depois da definição das vagas) que apenas 13 seleções confirmaram presença no campeonato marcado para ser jogado no Brasil

Terminada a Segunda Guerra Mundial, em 1945, o mundo vivia um tempo de reconstrução. Assim, muitos países nem queriam saber de futebol. Todos os do bloco comunista (entre eles União Soviética, Hungria, Polônia e Tchecoslováquia) declinaram de participar do Mundial, sem oferecer muitas explicações. Mesmo assim, a Fifa tinha esperanças de que a Copa de 1950 fosse um sucesso: em 31 de dezembro de 1948, data-limite para inscrições, 32 países estavam confirmados para disputar as eliminatórias, que classificariam 14 deles para a fase final (a Itália, campeã, e o Brasil, país organizador, tinham vaga garantida). O primeiro jogo das eliminatórias foi realizado em 2 de junho de 1949, vitória da Suécia sobre a República da Irlanda por 3 x 1 no estádio Rasunda, em Estocolmo. O último foi disputado em 15 de abril de 1950, no Hampden Park de Glasgow, derrota da Escócia para a Inglaterra por 1 x 0. Mas, entre essas duas datas, a Fifa teve de enfrentar uma série de surpresas desagradáveis...

GRUPO 1 – *INGLATERRA, ESCÓCIA, IRLANDA DO NORTE e PAÍS DE GALES*

IRLANDA DO NORTE 2 x 8 ESCÓCIA
BELFAST, 1º DE OUTUBRO DE 1949
PAÍS DE GALES 1 x 4 INGLATERRA
CARDIFF, 15 DE OUTUBRO DE 1949
ESCÓCIA 2 x 0 PAÍS DE GALES
GLASGOW, 9 DE NOVEMBRO DE 1949
INGLATERRA 9 x 2 IRLANDA DO NORTE
MANCHESTER, 16 DE NOVEMBRO DE 1949
PAÍS DE GALES 0 x 0 IRLANDA DO NORTE
CARDIFF, 8 DE MARÇO DE 1950
ESCÓCIA 0 x 1 INGLATERRA
GLASGOW, 15 DE ABRIL DE 1950

O formato meio estranho, sem turno e returno, se deveu ao fato de que as eliminatórias foram também a edição de 1949 da FA Cup, o tradicional torneio britânico interseleções (cada país só enfrentava o outro uma vez e o local do jogo era decidido por sorteio). A Federação Escocesa havia resolvido, antes mesmo de iniciada a competição, que só viria para a Copa de 1950 se seu time fosse o campeão dessa disputa. E isso quase aconteceu: a Escócia fez o último jogo em casa e só precisava vencer a Inglaterra para conquistar o título. Uma fanática torcida de 130 000 escoceses fez a sua parte e infernizou os ingleses durante toda a partida. Mas 1 gol do centroavante Roy Bentley, aos 19 minutos do segundo tempo, acabou dando o troféu à Inglaterra. O segundo lugar no grupo garantia a Escócia na Copa, mas seus dirigentes cumpriram a promessa e comunicaram à Fifa que não viriam ao Brasil. Assim, o grupo IV, para o qual os escoceses estavam designados, ficou com três países.

GRUPO 2 – *ÁUSTRIA, TURQUIA e SÍRIA*

TURQUIA 7 x 0 SÍRIA
ANCARA, 20 DE NOVEMBRO DE 1949

A Áustria resolveu desistir de participar antes mesmo de entrar em campo, alegando que sua Seleção estava sendo renovada e ainda era inexperiente para disputas internacionais. Assim, Turquia e Síria decidiriam a vaga entre si. Após levar uma impiedosa goleada de 7 x 0 no jogo de ida, os sírios decidiram nem fazer o jogo de volta e a Turquia se classificou. Mas um mês antes da Copa os turcos alegaram "insuperáveis dificuldades" e também abriram mão de participar. Como a Turquia também estaria no grupo IV, ele ficou reduzido a apenas dois países, pois a Fifa não achou substitutos.

GRUPO 3 – *IUGOSLÁVIA, ISRAEL e FRANÇA*

IUGOSLÁVIA 6 x 0 ISRAEL
BELGRADO, 21 DE AGOSTO DE 1949
ISRAEL 2 x 5 IUGOSLÁVIA
TEL-AVIV, 18 DE SETEMBRO DE 1949
IUGOSLÁVIA 1 x 1 FRANÇA
BELGRADO, 9 DE OUTUBRO DE 1949
FRANÇA 1 x 1 IUGOSLÁVIA
PARIS, 30 DE OUTUBRO DE 1949
IUGOSLÁVIA 3 x 2 FRANÇA
FLORENÇA, 11 DE DEZEMBRO DE 1949

Esse grupo teve duas etapas. Na primeira, a recém-formada nação israelense – legalmente constituída em 1947, por uma decisão da Assembléia Geral da Organização das Nações Unidas, a ONU – disputou com a Iugoslávia para ver quem enfrentaria a favorita França. Como era de se esperar, os iugoslavos passaram facilmente por Israel. No confronto direto com a França, houve dois empates (em Belgrado e Paris, ambos por 1 x 1). Assim, um jogo extra teve de ser marcado para Florença, na Itália. Numa demonstração prática do equilíbrio entre as duas seleções, a Iugoslávia fez 1 x 0 aos 12 minutos do primeiro tempo e a França empatou assim que deu a saída, 20 segundos depois. No segundo tempo, os franceses fizeram 2 x 1 aos 38 minutos e aí foram os iugoslavos que igualaram 1 minuto mais tarde, num pênalti discutível. Finalmente, aos 9 minutos do segundo tempo da prorrogação, o meia Zelijko Cajkovski conseguiu fazer o gol que classificou a Iugoslávia. A França – que era o berço da própria Fifa, participara das três Copas anteriores e tinha sediado o Mundial de 1938 – acabou ficando fora da disputa. Aproveitando as desistências de Escócia e Turquia, a Fifa convidou os franceses a entrar no esfacelado grupo IV. Eles aceitaram a oferta, mas em maio de 1950 comunicaram que não viriam mais. Motivo alegado: as longas distâncias que teriam de percorrer dentro do Brasil para disputar dois jogos: o primeiro marcado para Porto Alegre, contra o Uruguai, e o segundo (apenas três dias depois) no Recife, contra a Bolívia.

GRUPO 4 – *BÉLGICA, SUÍÇA e LUXEMBURGO*

SUÍÇA 5 x 2 LUXEMBURGO
ZURIQUE, 26 DE JUNHO DE 1949
LUXEMBURGO 2 x 3 SUÍÇA
LUXEMBURGO, 18 DE SETEMBRO DE 1949

A Bélgica nem chegou a participar. Alegando despesas com a reconstrução do país após a Segunda Guerra, os belgas desistiram. Assim, a Suíça precisou apenas vencer duas vezes a fraca Seleção de Luxemburgo para garantir a vaga.

GRUPO 5 – *SUÉCIA, REPÚBLICA DA IRLANDA e FINLÂNDIA*

SUÉCIA 3 x 1 REPÚBLICA DA IRLANDA
ESTOCOLMO, 2 DE JUNHO DE 1949
REPÚBLICA DA IRLANDA 3 x 0 FINLÂNDIA
DUBLIN, 8 DE SETEMBRO DE 1949
SUÉCIA 8 x 1 FINLÂNDIA
MALMÖ, 2 DE OUTUBRO DE 1949
FINLÂNDIA 1 x 1 REPÚBLICA DA IRLANDA
HELSINQUE, 9 DE OUTUBRO DE 1949
REPÚBLICA DA IRLANDA 1 x 3 SUÉCIA
DUBLIN, 13 DE NOVEMBRO DE 1949

Como já era esperado, deu a lógica. A Suécia – que tinha sido a campeã do torneio de futebol nos Jogos Olímpicos de Londres, em 1948, com um time cheio de jovens talentos – passou facilmente pela fraca oposição e se classificou com três vitórias incontestáveis. Como a Finlândia desistiu de disputar a última partida contra os suecos, a Fifa decidiu que as três anteriores seriam consideradas apenas amistosos. Na estatística oficial, elas não constam como jogos oficiais das eliminatórias para a Copa de 1950. Valem apenas os dois confrontos entre Suécia e Irlanda para os registros históricos.

GRUPO 6 – *ESPANHA e PORTUGAL*

ESPANHA 5 x 1 PORTUGAL
MADRI, 2 DE ABRIL DE 1950
PORTUGAL 2 x 2 ESPANHA
LISBOA, 9 DE ABRIL DE 1950

Um grupo com apenas duas equipes. Para se classificar, a Espanha venceu sem problemas o jogo de ida, em Madri, e depois segurou o empate em Lisboa. A Fifa ainda convidou os portugueses para preencher a vaga aberta pela desistência da Turquia, mas eles agradeceram e responderam que só viriam ao Brasil se tivessem conseguido a classificação dentro de campo. A decisão, entretanto, provocou veementes protestos da colônia lusitana em frente à embaixada de Portugal no Rio de Janeiro.

GRUPO 7 – *ARGENTINA, BOLÍVIA e CHILE*

Para surpresa quase geral, a Argentina desistiu de participar. Quase geral porque a CBD tinha motivos para desconfiar disso: as relações com a Associação de Futebol da Argentina (AFA) andavam estremecidas fazia algum tempo. Tanto que, em 1949, os argentinos já tinham se recusado a participar do Campeonato Sul-Americano, também realizado aqui no Brasil. Anos mais tarde, Valentin Suárez, que foi presidente da AFA entre 1947 e 1953, declarou que o general Juan Domingo Perón, presidente do país em 1950, havia exigido "plenas garantias" de que a Seleção venceria a Copa. Suárez argumentou que isso seria muito difícil, já que ele não poderia contar com alguns dos melhores jogadores, que haviam se transferido irregularmente para uma liga pirata da Colômbia, fora da jurisdição da Fifa. O principal time dessa liga (o Milionários de Bogotá, formado em 1946) era praticamente a Seleção Argentina: Di Stefano, Pedernera, Rossi, Baez, Mourin, Rial, Cabillón, Castillo, Corzo, Aguilera e Reyes. Até o técnico, Carlos Aldabe, era expatriado. Diante dessa situação, Perón tomou pessoalmente a decisão de vetar a participação na Copa, segundo Suárez. Como o grupo classificava duas equipes, Bolívia e Chile se garantiram fácil. Mesmo assim, disputaram duas partidas em 1950 (em 26 de fevereiro, Bolívia 2 x 0 em La Paz; e em 12 de março, Chile 5 x 0 em Santiago). A Fifa considera esses jogos amistosos. E, como não houve a disputa oficial, no gramado, foi necessário um sorteio, pouco antes da Copa, para definir a "classificação" dos dois países nas eliminatórias, pois disso dependia a formação dos grupos.

GRUPO 8 – *URUGUAI, PARAGUAI, EQUADOR e PERU*

Ocorreu mais ou menos o mesmo que no grupo anterior. Equador e Peru desistiram e Uruguai e Paraguai se classificaram sem jogar. Os dois até fizeram um jogo no Rio de Janeiro pela Copa Trompowski, torneio que se resumiu a essa partida (o brigadeiro Armando Trompowski era o ministro da Aeronáutica do Brasil). Foi em 30 de abril de 1950, no estádio São Januário, e terminou Paraguai 3 x 2. Mas a Fifa também considera essa partida um amistoso. O sorteio posterior indicou que o Paraguai, apesar da vitória, iria para o forte grupo III. E o Uruguai, para o IV, no qual só havia mais um país, a Bolívia.

GRUPO 9 – *MÉXICO, ESTADOS UNIDOS e CUBA*

MÉXICO 6 x 0 ESTADOS UNIDOS
CIDADE DO MÉXICO, 4 DE SETEMBRO DE 1949
MÉXICO 2 x 0 CUBA
CIDADE DO MÉXICO, 11 DE SETEMBRO DE 1949
ESTADOS UNIDOS 1 x 1 CUBA
CIDADE DO MÉXICO, 14 DE SETEMBRO DE 1949
MÉXICO 6 x 2 ESTADOS UNIDOS
CIDADE DO MÉXICO, 18 DE SETEMBRO DE 1949
ESTADOS UNIDOS 5 x 2 CUBA
CIDADE DO MÉXICO, 21 DE SETEMBRO DE 1949
MÉXICO 3 x 0 CUBA
CIDADE DO MÉXICO, 25 DE SETEMBRO DE 1949

Por um acordo entre os três países, todos os jogos foram disputados na Cidade do México, o que aumentou ainda mais o já destacado favoritismo dos donos da casa – que acabaram se classificando com quatro vitórias fáceis. Como o grupo dava duas vagas, bastou aos Estados Unidos uma vitória e um empate contra Cuba para também carimbar o passaporte. De acordo com o sorteio realizado pela Fifa, o México foi designado para o grupo I e os Estados Unidos, para o II.

GRUPO 10 – *ÍNDIA, BIRMÂNIA, FILIPINAS e INDONÉSIA*

Birmânia, Filipinas e Indonésia desistiram da disputa antes das eliminatórias, classificando a Índia. E a Índia também optou por não vir à Copa no Brasil, mas com a melhor desculpa de todos os desistentes: protestar contra a Fifa por ela não permitir que os futebolistas hindus jogassem descalços, o que era uma prática comum em muitos estádios do país.

Muitas desistências

Como a Fifa havia decidido fazer um sorteio prévio para definir os grupos da Copa do Mundo, houve enormes diferenças entre o que estava planejado antes das eliminatórias e as chaves que realmente se formaram por causa das desistências. Em vez de 16 equipes, apenas 13 estavam confirmadas para lutar pela taça em gramados brasileiros. Os grupos I e II ficaram completos, com quatro países cada um. Mas o III acabou capenga, com três seleções. E o IV... Bem, o IV virou um absurdo, com apenas dois competidores. Como a Fifa já sabia disso um mês antes da Copa, bastava passar para o grupo IV uma Seleção do grupo I (ou do II) para equilibrar a disputa. Mas, no dia 22 de maio de 1950, no Rio de Janeiro, os organizadores simplesmente distribuíram os classificados nos quadradinhos da tabela que havia sido divulgada dois anos antes, em Londres. Não se sabe oficialmente por que não houve o remanejamento de grupos. Mas há rumores de que os dirigentes brasileiros, preocupados com o retorno financeiro, convenceram a Fifa a deixar a primeira fase do jeito que estava. Era uma simples questão de aritmética: para definir o campeão de um grupo com quatro equipes são necessários seis jogos. Em um grupo com três, bastam três partidas. Sem mexer em nada, a fase inicial teria 16 confrontos. Se houvesse o troca-troca, esse número cairia para 13. Depois da Copa, surgiram queixas de que o Brasil teve de disputar seis jogos ao longo do torneio, enquanto o Uruguai só fez quatro. Mas, aparentemente, essa foi uma decisão dos próprios brasileiros, e não da Fifa. Confira a seguir os 13 países que participaram do Mundial.

- Bolívia
- Brasil
- Chile
- Espanha
- Estados Unidos
- Inglaterra
- Itália
- Iugoslávia
- México
- Paraguai
- Suécia
- Suíça
- Uruguai

Com a Previdência Itaú, o leão do Imposto de Renda não assusta mais ninguém.

FITCH RATINGS
BANCO BRASILEIRO DE MELHOR PERFORMANCE FINANCEIRA

MOODY'S
BRASILEIRO DE MAIOR FORÇA FINANCEIRA

Está chegando A HORA

O Brasil insistia em jogar só contra países sul-americanos, mas o retrospecto já era bem favorável para o nosso lado (a única pedra no sapato era a Argentina). E como ela decidiu não disputar o torneio, havia grande esperança de ver a nossa Seleção, finalmente, brigar pela taça em condições de ganhar

Entre o fim da Copa de 1938, quando terminou em terceiro lugar, e o início da de 1950, a Seleção Brasileira fez 49 partidas oficiais, todas contra países sul-americanos. A pedra no nosso sapato era a Argentina. Das 12 partidas disputadas, vencemos apenas 3, empatamos 1 e perdemos 8. Mas Brasil e Argentina não se enfrentavam desde 1946, quando houve uma briga generalizada em Buenos Aires, na decisão do Campeonato Sul-Americano Extra. Como conseqüência, a CBD e a AFA cortaram relações – fato que, em 1950, influiria na decisão dos *hermanos* de não disputar a Copa e provocaria manifestações de alívio por aqui. Contra Chile, Peru, Equador, Bolívia, Paraguai e Colômbia, o Brasil impressionava: 20 jogos, com 16 vitórias, 3 empates e 1 derrota (para os paraguaios, em 1949). E um total de 84 gols a favor, média de mais de 4 por jogo, com apenas 17 sofridos. Contra o Uruguai, já havíamos equilibrado a disputa que, até o fim da década de 1930, pendia a favor dos vizinhos. Em 17 jogos, 8 vitórias brasileiras, 4 empates e 5 derrotas, com um saldo de gols bastante favorável: 43 marcados e 29 sofridos.

O carioca Flávio Costa era o técnico da Seleção desde 1944. Seu nome era incontestável, principalmente depois de ele ter transformado o Vasco num esquadrão que ficou conhecido nacionalmente como Expresso da Vitória. O Vasco foi campeão carioca em 1945 e 1947 e campeão de clubes sul-americanos em 1948, num torneio disputado em Santiago, no Chile. Em 1949, o Vasco foi novamente campeão carioca, com uma memorável campanha de 18 vitórias e 2 empates, marcando 84 gols e sofrendo 24. Ademir foi o artilheiro

Flávio Costa: unanimidade depois de transformar o Vasco em Expresso da Vitória

do torneio, com 31 gols em 20 jogos. O São Paulo rivalizava com o Vasco em títulos regionais – tinha sido campeão paulista em 1945, 1946 (invicto), 1948 e 1949. Nas duas últimas conquistas, o técnico são-paulino era Vicente Feola.

Costa e Feola eram também os treinadores das seleções do Rio e de São Paulo, que, em 1949, disputaram a final do Campeonato Brasileiro. O Rio ganhou o título – o quinto consecutivo – com uma vitória no estádio São Januário (4 x 0) e dois empates no Pacaembu (2 x 2 e 1 x 1). A equipe do Rio era, praticamente, o Vasco. E o Vasco era, praticamente, a Seleção que disputaria a Copa do Mundo dali a três meses.

Em março de 1950, Flávio Costa fez a primeira convocação da Seleção para a Copa. A lista tinha 38 jogadores, dos quais 10 do Vasco e 7 do São Paulo. Em 27 de março, o grupo seguiu para a estância hidromineral de Araxá, em Minas Gerais, para os exames médicos e o início dos treinamentos físicos. Araxá ficava a duas horas de avião do Rio e tinha uma infra-estrutura exemplar. O complexo de hotéis, construído na região do Barreiro pelo governo mineiro, comportava perto de 1 000 hóspedes e oferecia, além dos campos de treinamento, um ambiente calmo e longe do burburinho. Só Costa não seguiu para Araxá. Ele tomou um avião para a Europa para assistir a três jogos das eliminatórias: os dois entre Espanha e Portugal, em 2 e 9 de abril, e a partida da Inglaterra (considerada na época a melhor Seleção do mundo) contra a Escócia, em 15 de abril. Era a primeira vez que um técnico verde-amarelo se incomodava em dar uma espiadinha nos possíveis adversários. Ele chegou de volta a Araxá em 18 de abril e uma semana depois os atletas retornaram ao Rio, para iniciar a concentração no estádio São Januário para a disputa da Taça Oswaldo Cruz, contra o Paraguai, e da Taça Rio Branco, contra o Uruguai.

Como as duas competições eram simultâneas, Flávio Costa formou duas seleções. A titular fez três jogos contra o Uruguai: perdeu no Pacaembu (3 x 4) e venceu duas vezes em São Januário (3 x 2 e 1 x 0). No terceiro jogo, em 18 de maio, o Brasil entrou em campo com Barbosa, Santos e Juvenal; Eli, Danilo e Bigode; Friaça, Zizinho, Baltazar, Ademir e Chico. Desses 11 jogadores, 8 enfrentaram de novo o Uruguai dois meses mais tarde, na final da Copa. O Uruguai atuou com Maspoli, Tejera e Gambetta; Matias González, Obdulio Varela e Rodríguez Andrade; Ghiggia, Julio Perez, Miguez, Schiaffino e Villamide. Dos 11, apenas o ponteiro Villamide, do Peñarol, não jogou na Copa. Mas os uruguaios aprenderam algo: caso voltassem a enfrentar o Brasil, teriam de encontrar uma maneira de neutralizar o perigoso Ademir, autor de 5 dos 7 gols brasileiros naqueles três jogos.

Começam os cortes

Na música carnavalesca "Menina Vai", a cantora Emilinha Borba enumerava os lugares "pouco indicados" para uma menina carioca de boa família: "Banho em Paquetá, piquenique na Barra da Tijuca e programa no Joá". As meninas não podiam, mas os jogadores sim. Em 31 de maio, a Seleção deixou a concentração em São Januário e se mudou para a Casa dos Arcos, um retiro no afastado bairro do Joá, na zona sul do Rio. A essa altura, o grupo já estava reduzida a 27 atletas – alguns haviam sido cortados por contusão, outros por mau condicionamento físico. E um tinha solicitado dispensa: o zagueiro Píndaro, do Fluminense, pediu o boné porque Flávio Costa não o havia escalado em nenhum dos seis jogos contra Paraguai e Uruguai. No dia 5 de junho, como determinava o regulamento da Fifa, o treinador apresentou a lista com os 22 jogadores inscritos para a Copa. Os últimos cinco cortados foram Ipojucan e Tesourinha (Vasco), Pinga e Brandãozinho (Portuguesa) e Mauro (São Paulo).

Emilinha: as meninas de sua música não iam ao Joá, mas os craques da Seleção, sim

Mauro era um zagueiro de muito estilo, forte candidato a titular desde a primeira convocação, mas ficou marcado pela má atuação na derrota por 4 x 3 para o Uruguai (quatro anos depois, na Copa do Chile, ele levantaria a taça do bicampeonato mundial). O corte de Tesourinha, ponteiro-direito do Vasco, foi o mais lamentado pela torcida: ele, sim, era titular absoluto, mas se machucou (uma séria lesão nos meniscos) no segundo jogo contra o Uruguai. Já a dispensa de Pinga, meia da Portuguesa, foi um tiro no escuro. Ele estava bem, física e tecnicamente, mas Flávio Costa apostou que Zizinho (que tivera uma torção no joelho num jogo-treino contra o Flamengo) estaria curado a tempo de jogar a Copa. A recuperação foi mais lenta do que o previsto e as

O BRASIL EM 1950

Getúlio e a televisão

A população do Brasil era de 51,7 milhões em 1950. São Paulo era o estado mais populoso (9,1 milhões). O Rio de Janeiro, capital federal, era a maior cidade do país, com 2,3 milhões de habitantes. São Paulo vinha logo em seguida, com pouco mais de 2 milhões, dos quais quase 900 000 tinham migrado de outros estados nos dez anos anteriores.

O grande sucesso carnavalesco do ano foi "General da Banda", com o cantor Blecaute. E a rainha do rádio, Emilinha Borba, fazia sucesso com "Paraíba (Mulher Macho, Sim Senhor)". Em julho, a Editora Abril lançou sua primeira revista, *Pato Donald*, trazendo ao país os personagens impressos de Walt Disney. Hoje, dezembro de 2005, *Pato Donald* está em seu número 2 329. É a segunda revista mais antiga em circulação no Brasil(a primeira é *Seleções*, lançada em 1942).

Em 19 de agosto, o ex-ditador Getúlio Vargas, que havia sido deposto em 1945, saiu de seu exílio voluntário em São Borja, na fronteira do Rio Grande do Sul com a Argentina, e lançou sua candidatura a presidente da República. Apenas dois meses e meio depois, em 3 de outubro, foi eleito com 49% dos votos.

Em 18 de setembro, foi inaugurada a PRF3 TV Tupi de São Paulo, a primeira emissora de TV da América do Sul (*foto*). Na noite da primeira transmissão, cerca de 100 aparelhos foram espalhados por pontos estratégicos da capital paulista. Quanto a residências, não mais que uma dúzia delas possuía televisor. O problema era o preço: um "receptor marca GE" custava 10 950 cruzeiros (em valores atualizados, o equivalente a espantosos 36 000 reais!).

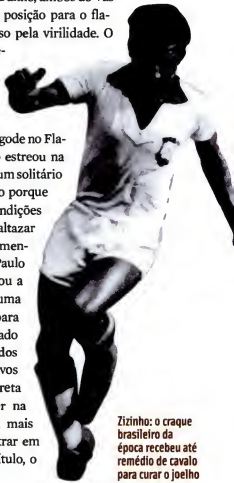
lendas contam que o joelho de Zizinho foi medicado, entre outras substâncias, com um preparado usado no Jockey Club para tratar cavalos. Mesmo assim, ele só ficou em condições de estrear no terceiro jogo do Brasil no Mundial.

No embalo da Copa, o grande compositor Lamartine Babo lançou mais um sucesso, o **"Hino do Scratch Brasileiro"**: "Eu sou brasileiro, tu és brasileiro / Muita gente boa brasileira é / Vamos torcer com fé / Em nosso coração / Vamos torcer para o Brasil ser campeão / Salve, salve o nosso estádio Municipal / No Campeonato Mundial / Salve a nossa bandeira / Verde, ouro e anil / Brasil, Brasil, Brasil".

Interpretada por Sílvio Caldas, o Seresteiro do Brasil, a música não faz parte de nenhuma compilação de obras-primas produzidas pelo genial Lamartine Babo, autor dos hinos de América, Botafogo, Flamengo, Fluminense e Vasco, entre outros clubes do Rio. Mas o "Hino do Scratch Brasileiro" é a primeira música desse tipo feita para uma Seleção nacional.

As últimas definições

No dia 3 de junho, o Brasil venceu a Seleção Gaúcha por 6 x 4 em São Januário. O ataque funcionou bem (3 gols de Ademir, 2 de Jair e 1 de Zizinho), mas a atuação da defesa foi preocupante. Em 11 de junho, a história se repetiu na vitória sobre a Seleção Paulista de novos por 4 x 3, com gols de Ademir, Jair, Baltazar e Rodrigues. Quatro dias mais tarde (nove antes da estréia na Copa), o escrete verde-amarelo bateu o América do Rio por 6 x 1, mas a goleada não entusiasmou a imprensa. O *Esporte Ilustrado*, do Rio, estampou: "Dolorosa verdade: falta muita coisa à Seleção Nacional". Nesse jogo, a escalação foi Barbosa, Augusto e Nena; Bauer, Rui e Noronha; Maneca, Zizinho, Baltazar, Ademir e Chico. As críticas, principalmente dos jornalistas cariocas, eram dirigidas à fragilidade da zaga e dos médios.

Durante a semana, Flávio Costa tomou a decisão de abdicar da experiente linha média do São Paulo, elogiada por sua alta técnica, mas criticada pela falta de pegada. Assim, Bauer e Rui deram lugar a Eli e Danilo, ambos do Vasco. E Noronha perdeu a posição para o flamenguista Bigode, famoso pela virilidade. O mesmo critério de privilegiar a força fez o clássico Nena, do Internacional, perder a vaga para o apenas competente Juvenal, parceiro de Bigode no Flamengo. Assim, a Seleção estreou na Copa com dez cariocas e um solitário paulista – Baltazar. E isso porque Zizinho não estava em condições de atuar. Se estivesse, Baltazar também sairia. Evidentemente, a imprensa de São Paulo acusou o golpe e começou a levantar a hipótese de uma conspiração bairrista para deixar os atletas do estado fora da Seleção. Fora dos gramados, os preparativos para a Copa estavam na reta final, como se pode ver na próxima reportagem. E, mais uma vez, na hora de entrar em campo para lutar pelo título, o Brasil estava dividido.

Zizinho: o craque brasileiro da época recebeu até remédio de cavalo para curar o joelho

O time de 1950

Dos 22 jogadores que entraram na relação final de convocados para a Copa de 1950, 8 eram do Vasco (Barbosa, Augusto, Danilo, Eli, Alfredo, Ademir, Chico e Maneca), 4 do São Paulo (Bauer, Noronha, Rui e Friaça), 3 do Flamengo (Juvenal, Bigode e Zizinho), 2 do Internacional (Nena e Adãozinho), 2 do Palmeiras (Jair e Rodrigues), mais 1 de Fluminense (Castilho), Corinthians (Baltazar) e Botafogo (Nilton Santos). Pouco antes da Copa, Zizinho foi vendido ao Bangu pelo Flamengo, na maior transação do futebol brasileiro até então. Mas Zizinho só estreou em seu novo time após a Copa. O Inter era a grande força do Sul do país – havia vencido sete dos oito títulos gaúchos disputados entre 1942 e 1949.

16 de julho de 1950: Barbosa, Augusto, Danilo, Juvenal, Bauer, Bigode (em pé), Friaça, Zizinho, Ademir, Jair e Chico (agachados) posam para os fotógrafos antes do jogo decisivo da Copa, contra o Uruguai

Goleiros

Moacir **Barbosa**, 28 anos
(27 de outubro de 1921), do Vasco
Carlos José **Castilho**, 23 anos
(27 de abril de 1927), do Fluminense

Zagueiros

Augusto da Costa, 29 anos
(22 de outubro de 1920), do Vasco
Juvenal Amarijo, 26 anos
(27 de novembro de 1923), do Flamengo
Nena (Olavo Rodrigues Barbosa), 26 anos
(11 de julho de 1923), do Inter
Nilton Santos, 25 anos
(16 de maio de 1925), do Botafogo

Médios

José Carlos **Bauer**, 24 anos
(21 de novembro de 1925), do São Paulo
Danilo Alvim, 28 anos
(3 de dezembro de 1921), do Vasco
Bigode (João Ferreira), 28 anos
(4 de abril de 1922), do Flamengo
Alfredo Eduardo Ribeiro Menna Barreto de Freitas **Noronha**, 31 anos
(25 de setembro de 1918), do São Paulo
Eli (Ely do Amparo), 29 anos
(14 de maio de 1921), do Vasco
Rui Campos, 28 anos
(2 de fevereiro de 1922), do São Paulo
Alfredo dos Santos, 30 anos
(1º de janeiro de 1920), do Vasco

Atacantes

Albino **Friaça** Cardoso, 25 anos
(19 de outubro de 1924), do São Paulo
Zizinho (Thomaz Soares da Silva), 28 anos
(14 de setembro de 1921), do Flamengo
Ademir Marques de Menezes, 27 anos
(8 de novembro de 1922), do Vasco
Jair Rosa Pinto, 29 anos
(21 de março de 1921), do Palmeiras
Chico (Francisco Aramburu), 28 anos
(7 de janeiro de 1922), do Vasco
Adãozinho (Adão Nunes Dornelles), 25 anos (2 de abril de 1925), do Inter
Maneca (Manuel Marinho Alves), 24 anos
(28 de janeiro de 1926), do Vasco
Baltazar (Oswaldo da Silva), 24 anos
(14 de janeiro de 1926), do Corinthians
Francisco **Rodrigues**, 24 anos
(27 de junho de 1925), do Palmeiras

Comissão técnica

Extra-oficialmente, o treinador Flávio Costa levou para a Seleção seu auxiliar no Vasco, Oto Glória (que dirigiria a Seleção de Portugal na Copa de 1966). E, para minimizar os velhos dissabores entre paulistas e cariocas, a CBD convidou Vicente Feola para assistente técnico de Flávio (Feola comandaria o Brasil nas Copas de 1958 e 1966). Os demais integrantes da delegação brasileira eram:
Chefe da delegação: ***Mário Pollo***, diretor do Fluminense e presidente em exercício da CBD (Rivadávia Corrêa Meyer estava de licença médica)
Médicos: ***Newton Paes Barreto***, do Botafogo, e ***Amílcar Giffoni***, do Vasco
Delegado para o congresso da Fifa: ***José Maria Castello Branco***
Massagistas: ***Johnson*** e ***Mário Américo***, ambos do Vasco. Johnson, cujo nome de batismo era Ovídio Dionysio, estava na Seleção desde 1930, quando ainda tinha o apelido de Jack Johnson por ser sósia do boxeador americano. Como em 1950 o lutador já tinha desaparecido do cenário esportivo, o Jack foi podado e ficou só o Johnson. Mário Américo, que iniciou sua carreira no Vasco em 1944, foi o massagista da Seleção em sete Copas (de 1950 a 1974).
Comissão de apoio: A CBD nomeou 15 (!) especialistas em futebol – dirigentes e jornalistas – para "oferecer sugestões" a Flávio Costa, um técnico que, por princípio, abominava sugestões.
E o grupo se desmanchou rapidamente.

AlmapBBDO
www.claroideias.com.br | 0800 0363636
Para mais informações sobre o serviço, tarifas e celulares compatíveis, acesse www.claroideias.com.br ou ligue 0800 0363636.

Claro
Assista aos gols do Brasileirão da Globo.
Onde quer que você esteja.
NOKIA
Download de Gols.
Agora, você assiste no seu Claro aos gols da 1ª divisão do Brasileirão da Globo. Todos os gols estarão disponíveis até 30 minutos após serem marcados. Basta baixar e pronto: veja e reveja quantas vezes quiser.
Claro Idéias. Claro que você tem mais futebol.

O Maracanã em obras: 4 500 operários trabalharam durante 22 meses para construir o estádio

O maior DO MUNDO

Uma das estrelas do projeto brasileiro para organizar o Mundial de 1950 era a promessa de construir o melhor estádio de que se tinha notícia. E assim nasceu o Maracanã, orgulho do futebol mundial durante muitas décadas

Ainda em 1946, o Brasil encantou a Fifa com a proposta de construir, no Rio de Janeiro, o maior e melhor estádio do mundo. Mas a Câmara de Vereadores carioca – da qual dependia a aprovação da verba – resolveu embaçar. O vereador Carlos Lacerda, da UDN, orador inflamado, defendia a idéia de que o novo estádio deveria ser feito no bairro de Jacarepaguá. A bancada comunista, majoritária (18 dos 50 parlamentares), opinava que o estádio deveria ficar na região central da cidade, numa área que pertencera ao Jockey Club no bairro do Maracanã. Os acalorados debates duraram todo o ano de 1947 e os comunistas venceram: em 20 de janeiro de 1948, dia de São Sebastião, padroeiro do Rio, a

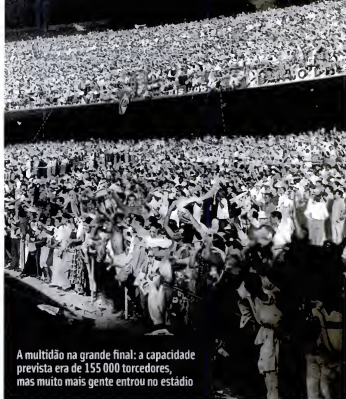
pedra fundamental do estádio foi colocada no antigo terreno do Jockey. Mas a construção, agora emperrada pela burocracia, só começou cinco meses depois, em 2 de agosto de 1948.

Oficialmente batizado de Estádio Municipal do Rio de Janeiro, o Maracanã foi construído na gestão do prefeito do Distrito Federal, general Ângelo Mendes de Moraes. O projeto teve quatro arquitetos (Pedro Paulo Bernardes Bastos, Raphael Galvão, Antonio Augusto Dias Carneiro e Orlando da Silva Azevedo) e a obra ficou a cargo de um **consórcio de seis empreiteiras**. Devido ao atraso no início dos trabalhos, surgiram rumores de que o estádio não seria terminado em tempo para os jogos. De fato ele não estava 100% pronto, mas ficou em condições de uso para a Copa.

Cerca de 4 500 operários deram duro durante 22 meses, consumindo 55 000 metros cúbicos de concreto, 350 000 sacos de cimento, 50 000 metros quadrados de pedra, 40 000 metros cúbicos de areia e 9 000 toneladas de ferro. O Maracanã tem 32 metros de altura e 800 metros de perímetro. Construído em forma elíptica, seu eixo mais longo tem 319 metros e o mais curto, 281 metros. Comparativamente, ele é maior que o Coliseu de Roma, cujos eixos têm 155 e 135 metros. Mas a arena italiana era 18 metros mais alta, embora comportasse menos gente: 80 000 cidadãos, (quase) todos torcendo pelos leões.

A capacidade nominal prevista para o Maracanã era de 155 000 lugares (93 500 nas arquibancadas, 30 000 nas cadeiras numeradas, 1 500 nos camarotes e 30 000 nas gerais). Na época, o maior estádio do mundo era o Hampden Park de Glasgow, na Escócia, propriedade do Queen's Park Rangers. Em 1937, num jogo entre Escócia e Inglaterra, ele recebera 149 547 torcedores (14% da população de Glasgow, então com 1,085 milhão de habitantes). Como as numeradas não ficaram totalmente prontas para a Copa, isso permitiu o aumento do número de torcedores no Maraca, já que parte da área de cadeiras foi usada como arquibancada. As gerais – extintas após uma reforma em 2005 – eram constituídas por degraus em toda a volta do estádio e acomodavam a massa que não se incomodava de ver o jogo em pé, por um precinho camarada. Os 240 refletores para jogos noturnos eram dispostos em linha, sobre as marquises, eliminando as torres de iluminação. Outra novidade era o fosso que circundava o campo, de 3 metros de largura e 3 de profundidade, para impedir invasões. Havia ainda 20 grandes cabines para imprensa, 98 dependências sanitárias, 58 bares (cada um com 22 metros de balcão) e – eram outros tempos – 90 quiosques para venda de cigarros.

A inauguração extra-oficial ocorreu num sábado, 17 de junho de 1950, sete dias antes do início da Copa. Um jogo entre as seleções de novos do Rio e de São Paulo, sem cobrança de ingressos, serviu como teste final do gramado e das instalações, embora ainda existissem muitos vestígios de obras (principalmente andaimes). Os paulistas venceram por 3 x 1, gols de Augusto (2) e Ponce de León. Mas provavelmente ninguém se

A multidão na grande final: a capacidade prevista era de 155 000 torcedores, mas muito mais gente entrou no estádio

lembraria dessa partida se o primeiro gol não tivesse sido marcado, aos 19 minutos do primeiro tempo, por Didi, meia do Fluminense, então com 20 anos, e futuro bicampeão mundial em 1958 e 1962. Outro bicampeão que jogou foi Djalma Santos, da Portuguesa, que defendia o combinado paulista.

O Maracanã foi oficialmente inaugurado em 24 de junho de 1950, um sábado, na estréia do Brasil na Copa, contra o México. A festa teve todas as cerimônias de praxe, diante do presidente da República, o marechal Eurico Gaspar Dutra, e do presidente da Fifa, Jules Rimet: desfile da tropa militar de elite dos Dragões da Independência, exibição da banda dos Fuzileiros Navais, discursos de autoridades, revoada de milhares de pombos. E até balões juninos – que anos mais tarde seriam proibidos por lei – foram soltos do centro do gramado. Confira no quadro abaixo os outros estádios usados nos 22 jogos da Copa do Mundo de 1950, no Brasil.

Templos da bola

No total, as 22 partidas da Copa de 1950 foram jogadas em seis estádios (o Maracanã e o Independência foram construídos especialmente para a disputa). Salvador, a quarta maior cidade brasileira da época, não participou do Mundial por não ter nenhum estádio adequado às exigências definidas pela Fifa

Cidade	Estádio	Capacidade	Inauguração	Jogos
Rio de Janeiro	Maracanã	155 000	1950	8
São Paulo	Pacaembu	60 000	1940	6
Belo Horizonte	Independência	15 000	1950	3
Porto Alegre	Eucaliptos	10 000	1931	2
Curitiba	Durival de Brito	13 000	1947	2
Recife	Ilha do Retiro	10 000	1937	1

O Mundial, jogo a jogo

Primeira fase

GRUPO I BRASIL, IUGOSLÁVIA, SUÍÇA E MÉXICO

A festa dos penetras

Embora 81 650 pessoas tenham pago ingresso, acredita-se que o público chegou a 100 000. Milhares de convites foram distribuídos pela prefeitura, o governo federal e a CBD. Além disso, havia a natural inexperiência para controlar a multidão (São Januário, o maior estádio do Rio até então, comportava 35 000 torcedores). E o fato de o Maracanã não estar terminado fez a alegria de milhares de penetras. Antes do jogo, a aglomeração nas ruas da vizinhança quase causou um transtorno: o carro que trazia o juiz Reader e seus auxiliares ficou retido. O trio só chegou no momento em que o presidente Dutra fazia seu discurso inaugural.

Goleiro recordista

O mexicano Antonio Carbajal fez sua estréia em Copas do Mundo aos 21 anos. Ele tem o recorde de cinco participações (de 1950 a 1966), mas um currículo sofrível: como o México sempre foi eliminado nas oitavas, Carbajal disputou 11 jogos e sofreu 26 gols, com apenas uma vitória – contra a Tchecoslováquia, em 1962. O arqueiro começou sua carreira no Oviedo, da Espanha, aos 17 anos, e atuou 104 vezes pela Seleção.

BRASIL 4 x 0 MÉXICO

Data: 24 de junho de 1950, sábado
Horário: 15h30
Estádio: Maracanã, no Rio de Janeiro
Público estimado: 81 650 pessoas
Gols: *Ademir* (32 do 1º); *Jair* (21), *Baltazar* (26) e *Ademir* (34 do 2º)
Brasil – *Barbosa, Augusto e Juvenal; Eli, Danilo e Bigode; Maneca, Ademir, Baltazar, Jair e Friaça.*
Técnico: Flávio Costa
México – *Carbajal, Zetter e Montemayor; Ruiz, Ochoa e Roca; Septien, Ortiz, Casarin, Perez e Velasquez.*
Técnico: Octavio Vial
Juiz: George Reader (Inglaterra)
Auxiliares: Mitchell (Escócia) e Griffiths (País de Gales)

Vitória sem empolgação

O primeiro gol da Copa (e o primeiro oficial do Maracanã) foi marcado por Ademir. Aos 32 minutos do primeiro tempo, Danilo, do meio do campo, fez um lançamento alto na direção de Baltazar, na área mexicana. Carbajal saiu mal do gol e Baltazar aparou de cabeça para Ademir, que entrava em velocidade pelo meio. O atacante chutou forte, de pé esquerdo, para o gol vazio. O Brasil atuou razoavelmente bem o jogo inteiro, mas o único período em que realmente empolgou a torcida durou apenas 13 minutos – dos 21 aos 34 do segundo tempo.

Aos 21 minutos, Jair fez o segundo gol, com um chute forte da entrada da área. Três minutos mais tarde, a bola foi duas vezes às traves do México no mesmo lance. Baltazar, de cabeça, fez o terceiro gol aos 26 minutos. E aos 34, Ademir, aproveitando um passe de Jair, anotou o quarto. Cinco minutos depois, o meia Jair chocou-se contra um defensor mexicano e ficou reclamando de dores na coxa. Ele permaneceu em campo até o fim do jogo, já que não eram permitidas substituições, mas acaboudesfalcando o Brasil na rodada seguinte, contra a Suíça. A rigor, o México só teve uma chance de verdade, aos 38 minutos do segundo tempo, quando Barbosa fez grande defesa num chute de Casarin. A apatia mexicana preocupou a imprensa de seu país, ainda mais porque alguns jogadores haviam declarado, antes do jogo, que estavam no Brasil "para aprender e para participar de uma grande festa". Como o México parou completamente em campo no segundo tempo, a tal "grande festa" foi interpretada literalmente como "noites passadas em claro nos cabarés cariocas".

IUGOSLÁVIA 3 x 0 SUÍÇA

Data: 25 de junho de 1950, domingo
Horário: 15 horas
Estádio: Independência, em Belo Horizonte
Público estimado: 7 336 pessoas
Gols: *Mitic* (18), *Tomasevic* (24) e *Ognajanov* (37 do 2º)
Iugoslávia – *Mrkusic, Horvat e Stankovic; Zlatko Cajkovski, Jovanovic e Djajic; Ognajanov, Mitic, Tomasevic, Bobek e Vukas.*
Técnico: Milorad Arsenijevic
Suíça – *Stuber, Neury e Boucquet; Lusenti, Eggimann e Quenche; Bickel, Antenen, Tamini, Bader e Fatton.*
Técnico: Franco Andreoli
Juiz: Giovanni Galeatti (Itália)
Auxiliares: Datillo (Itália) e Eklind (Suécia)

Ataque poderoso

Este foi o jogo que inaugurou o estádio Independência, construído pela prefeitura de Belo Horizonte entre 1948 e 1950. A Suíça subestimou o poder do ataque da Iugoslávia e não utilizou, no primeiro tempo, seu famoso sistema de retranca (o "ferrolho") empregado contra o Brasil três dias depois. Com espaço, a Iugoslávia matou rapidamente o jogo, marcando 3 gols em apenas 19 minutos. Mitic, meia armador iugoslavo, foi considerado pela imprensa o melhor em campo.

BRASIL 2 x 2 SUÍÇA

Data: 28 de junho de 1950, quarta-feira
Horário: 15 horas
Estádio: Pacaembu, em São Paulo
Público estimado: 50 000 pessoas
Gols: *Alfredo* (2), *Fatton* (17) e *Baltazar* (31 do 1º); *Fatton* (43 do 2º)
Brasil – *Barbosa, Augusto e Juvenal; Bauer, Rui e Noronha; Alfredo, Maneca, Ademir, Baltazar e Friaça.*
Técnico: Flávio Costa
Suíça – *Stuber, Neury e Boucquet; Lusenti, Eggimann e Quenche; Bickel, Tamini, Friedlander, Bader e Fatton.*
Técnico: Franco Andreoli
Juiz: Ramón Azon (Espanha)
Auxiliares: Nicola (Paraguai) e Bustamante (Chile)

No fim, muitas vaias

Não havia razões para Flávio Costa mexer no time que vencera o México por 4 x 0. Mas, para o único jogo do Brasil em São Paulo, o receio de expor a Seleção às vaias da torcida paulista levou o técnico a trocar linha média carioca pela do São Paulo. E ele ainda se viu obrigado a mexer no ataque, por não poder contar com Zizinho, Jair e Chico. Mas os torcedores mal tiveram tempo de manifestar algum descontentamento. Logo aos 2 minutos Ademir recuperou uma bola quase sobre a linha de fundo e cruzou para trás. Baltazar furou e Alfredo, que vinha na corrida pela meia direita, acertou um chute forte e cruzado, no ângulo direito de Stuber. Os suíços reclamaram que a bola havia saído antes do centro de Ademir e os jornais do dia seguinte deram razão à reclamação. Só uma semana depois, quando o filme do jogo foi exibido, é que se percebeu que o lance tinha sido normal. Este foi o único momento em que a defesa da Suíça se descuidou. Dali em diante, entrou em cena o famigerado sistema defensivo desenvolvido pelo técnico Karl Rappan na década de 1940 (dois zagueiros na sobra, quatro médios marcando perto da linha da grande área, e, pouco à frente deles, dois meias dando o primeiro combate). Com apenas três atacantes, a Suíça dependia de uma falha da defesa brasileira. E ela aconteceu. Aos 17 minutos, Bickel centrou rasteiro da direita. A bola passou por Friedlander, Barbosa não saiu do gol, Juvenal se enrolou na pequena área e Fatton só empurrou para o canto direito. Nos 20 minutos seguintes, o Brasil conseguiu seis escanteios. Num deles, cobrado por Friaça aos 31 minutos, Baltazar saltou com dois zagueiros e cabeceou no ângulo esquerdo, fazendo 2 x 1. No início do segundo tempo, o Brasil criou duas boas chances de gol, mas logo passou administrar o resultado. E o castigo veio a 2 minutos do fim. Em novo cruzamento alto de Bickel, Augusto cabeceou mal, para o meio da área. Fatton recolheu a bola e chutou no alto. Após o empate, os brasileiros foram todos para o ataque. Aos 45 minutos, a pressionada defesa suíça deu um chutão para a frente e Juvenal e Friedlander correram atrás da bola. Perto da meia-lua, Friedlander chutou raspando a trave de Barbosa. E assim, sob muitas vaias dos torcedores, o jogo terminou 2 x 2.

Na telinha

No domingo 22 de outubro de 1950, apenas 34 dias após ser inaugurada, a TV Tupi transmitiu o primeiro jogo de futebol ao vivo no Brasil: Corinthians 4 x 3 Ypiranga, pelo Campeonato Paulista, diretamente do estádio do Pacaembu, com narração de Jorge Amaral, comentários de Ari Silva, direção técnica de Cassiano Gabus Mendes e apenas uma câmera (operada por Walter Tasca). Se a Tupi tivesse entrado no ar apenas 90 dias antes, o Brasil poderia ter sido o primeiro país a transmitir um jogo de Copa do Mundo pela TV.

Decisão incontestável

De volta ao Rio, Flávio Costa tirou os paulistas do time. Os resultados seguintes – três ótimas partidas contra Iugoslávia, Suécia e Espanha – diluíram o que poderia ter sido a grande lição do jogo contra a Suíça: a dificuldade de enfrentar um time com uma defesa compacta e partindo no contra-ataque – esquema que, 18 dias depois, foi empregado pelo Uruguai.

IUGOSLÁVIA 4 x 1 MÉXICO

Data: 28 de junho de 1950, quarta-feira
Horário: 15 horas
Estádio: Eucaliptos, em Porto Alegre
Público estimado: 12 000 pessoas
Gols: *Bobek* (19) e *Zelijko Cajkovski* (23 do 1º); *Zelijko Cajkovski* (7), *Tomasevic* (36) e *Ortiz* (pênalti, 44 do 2º)
Iugoslávia – *Mrkusic, Horvat e Stankovic; Zlatko Cajkovski, Jovanovic e Djajic; Mihajlovic, Mitic, Tomasevic, Bobek e Zelijko Cajkovski.*
Técnico: Milorad Arsenijevic
México – *Carbajal, Gutierrez e Cuburu; Gomez, Roca e Ortiz; Septien, Naranjo, Casarin, Perez e Velasquez.*
Técnico: Octavio Vial
Juiz: Mervyn Griffiths (País de Gales)
Auxiliares: Leafe (Inglaterra) e Van der Meer (Holanda)

Preparo físico

Ao mesmo tempo em que o Brasil empatava com a Suíça no Pacaembu, a Iugoslávia conseguia outra fácil vitória em Porto Alegre, desta vez sobre o México. Irritados com as críticas às supostas noitadas boêmias, os mexicanos correram até o fim, conseguindo o gol de honra apenas no penúltimo minuto. À Iugoslávia bastaria um empate no jogo seguinte, contra o Brasil, para passar à fase final.

BRASIL 2 x 0 IUGOSLÁVIA

Data: 1º de julho de 1950, sábado
Horário: 14h45
Estádio: Maracanã, no Rio de Janeiro
Público estimado: 142 430 pessoas
Gols: *Ademir* (3 do 1º) e *Zizinho* (24 do 2º)
Brasil – *Barbosa, Augusto e Juvenal; Bauer, Danilo e Bigode; Maneca, Zizinho, Ademir, Jair e Chico.*
Técnico: Flávio Costa
Iugoslávia – *Mrkusic, Horvat e Stankovic; Zlatko Cajkovski, Jovanovic e Djajic; Zeljko Cajkovski, Mitic, Tomasevic, Bobek e Vukas.*
Técnico: Milorad Arsenijevic
Juiz: Mervyn Griffiths (País de Gales)
Auxiliares: Costa (Portugal) e Beranek (Áustria)

Começo arrasador

Em sua edição de 1º de julho, o jornal *O Estado de S. Paulo* alertava: "Seleção Brasileira corre o risco de ser eliminada esta tarde". E reclamava que Flávio Costa ainda não havia conseguido encontrar a escalação ideal. O que se viu em campo, dali em diante, enterrou todas as desconfianças. A Iugoslávia entrou com um a menos (*leia o texto à esquerda*) e o Brasil avançou a linha média e foi para o ataque. Aos 3 minutos Bauer deu um passe para Ademir, dentro da área e de costas para o gol. Ademir dominou, girou rapidamente o corpo e chutou de pé direito no canto esquerdo de Mrkusic, fazendo 1 x 0. Mas com 11 contra 11 a partida ficou bem mais equilibrada e o goleiro Barbosa, que pouco havia feito nos dois primeiros jogos, transformou-se no destaque do Brasil, com três defesas difíceis nos últimos 15 minutos do primeiro tempo. Aos 4 minutos da etapa final, Chico foi à linha de fundo e cruzou para trás. Ademir, na corrida, chutou forte e o goleiro Mrkusic defendeu no susto. No rebote, Zizinho empurrou a bola para o gol. Mas o juiz Griffiths anulou a jogada, apontando impedimento de Chico, que tinha ficado parado junto à trave após o cruzamento – o "impedimento passivo", não tolerado pelas arbitragens da época. Aos 10 minutos, a bola foi cruzada por Tomasevic para a área brasileira. Juvenal e Augusto se confundiram e a bola sobrou nos pés de Cajkovski, livre. Com Barbosa batido no lance, ele chutou forte, mas para fora. O susto acordou o Brasil. Aos 24 minutos, Zizinho recebeu de Bauer na intermediária. Ademir deslocou-se do centro do ataque para a esquerda, arrastando a marcação da zaga. Zizinho percebeu o corredor aberto à sua frente e deu um pique de 20 metros, perseguido por dois adversários. Ao entrar na área, bateu cruzado no canto direito de Mrkusic, que saía do gol. Coincidentemente, Chico estava de novo junto à trave, mas o juiz considerou o lance legal. E o Brasil, com os 2 x 0, garantiu a vaga para a fase final da Copa.

Acidente no túnel

O armador iugoslavo Rajko Mitic não percebeu uma barra metálica no teto, na escada do túnel de acesso ao campo. E abriu um corte profundo na testa. Enquanto Mitic era atendido no vestiário, o capitão Zlatko Cajkovski tentava convencer o juiz Griffiths a adiar o início do jogo. Mas, britanicamente, ele recusou o pedido e a Iugoslávia teve de começar jogando sem seu principal articulador. Mitic só entrou aos 10 minutos. Tinha vários pontos na testa e uma bandagem em forma de turbante.

Viagens demais

Depois do jogo, os dirigentes da Iugoslávia reclamaram da tabela, considerada "benéfica demais ao Brasil". Enquanto os brasileiros disputaram três partidas em oito dias, sendo dois no Rio e um em São Paulo, os iugoslavos jogaram três vezes em sete dias: em Belo Horizonte, em Porto Alegre e no Rio. Segundo eles, isso significou muito tempo perdido em hotéis e aeroportos e pouco tempo para treinar. Exatamente o motivo que os franceses haviam alegado, um mês antes, para não vir à Copa.

SUÍÇA 2 x 1 MÉXICO

Data: 2 de julho de 1950, domingo
Horário: 15 horas
Estádio: Eucaliptos, em Porto Alegre
Público estimado: 3 600 pessoas
Gols: *Bader* (10) e *Antenen* (44 do 1º); *Casarin* (15 do 2º)
Suíça – *Corrodi, Neury e Boucquet; Lusenti, Eggimann e Quenche; Tamini, Antenen, Friedlander, Bader e Fatton.*
Técnico: Franco Andreoli
México – *Carbajal, Gutierrez e Ochoa; Gomez, Roca e Ortiz; Flores, Naranjo, Casarin, Borbolla e Velasquez.*
Técnico: Octavio Vial
Juiz: Ivan Eklind (Suécia)
Auxiliares: Bustamante (Chile) e Dahlner (Suécia)

Recorde negativo

A Suíça conseguiu sua única vitória na competição e o México aumentou seu recorde negativo: foi o sexto jogo dos mexicanos na história das Copas – e a sexta derrota. Desta vez, o México fez duas alterações no ataque, mas só conseguiu marcar 1 gol quando já havia tomado 2.

Clássico local

O juiz decidiu que o contraste dos uniformes era pouco: as camisas do México eram verdes e as da Suíça, vermelhas. O México vestiu o azul e branco do Cruzeiro de Porto Alegre e o confronto virou um clássico regional: Inter x Cruzeiro.

Má conduta

Os mexicanos voltaram para casa e dez dias depois a federação dissolveu a Seleção em função do péssimo comportamento dos 22 atletas no Brasil – não no campo de jogo, mas no "terreno moral".

Primeira fase GRUPO II INGLATERRA, ESPANHA, ESTADOS UNIDOS E CHILE

INGLATERRA 2 x 0 CHILE

Data: 25 de junho de 1950, domingo
Horário: 15 horas
Estádio: Maracanã, no Rio de Janeiro
Público estimado: 30 000 pessoas
Gols: *Mortensen* (37 do 1º); *Mannion* (6 do 2º)
Inglaterra – *Williams, Ramsey e Aston; Wright, Hughes e Dickinson; Finney, Mortensen, Bentley, Mannion e Mullen.*
Técnico: Walter Winterbottom
Chile – *Livingstone, Farias e Alvarez; Roldan, Busquets e Carvallo; Mayanes, Cremaschi, Robledo, Muñoz e Diaz.*
Técnico: Arturo Bucciardi
Juiz: Karel van der Meer (Holanda)
Auxiliares: Gardelli (Brasil) e Dahlner (Suécia)

Joguinho burocrático

Os ingleses atuaram apenas burocraticamente. No seu estilo de toques curtos e cruzamentos precisos para a área, marcaram 1 gol em cada tempo e mandaram duas bolas nas traves chilenas. Depois do jogo, o futebol inglês foi classificado pela crônica esportiva presente ao Maracanã como "econômico" e "matemático". Mas um dos jogadores faria história no futuro: o zagueiro Alfred 'Alf' Ramsey foi o técnico da Seleção campeã do mundo em 1966.

Reis do futebol

Foi a estréia da Inglaterra em Copas e nas Américas. Mas o público não compareceu, por causa da chuva. Todos esperavam o Maracanã lotado, mas as estrelas foram os atletas do Brasil, que estavam nas tribunas. A fama de "reis do futebol" dos ingleses se consolidara mais ainda depois de 10 de maio de 1947, quando um combinado britânico massacrou a Seleção do resto da Europa por 6 x 1. Além disso, um mês antes da Copa a Inglaterra havia vencido Portugal (em Lisboa, por 5 x 3) e Bélgica (em Bruxelas, por 4 x 1).

ESPANHA 3 x 1 ESTADOS UNIDOS

Data: 25 de junho de 1950, domingo
Horário: 15 horas
Estádio: Durival de Brito, em Curitiba
Público estimado: 15 000 pessoas
Gols: *Pariani* (17 do 1º); *Igoa* (35), *Basora* (37) e *Zarra* (40 do 2º)
Espanha – *Eizaguirre, Alonso e Antunez; José Gonzalvo, Mariano Gonzalvo e Puchades; Basora, Hernandez, Zarra, Igoa e Gainza.*
Técnico: Guillermo Eizaguirre Olmos
Estados Unidos – *Borghi, Keough e Maca; McIlvenny, Colombo e Bahr; Craddock, John Souza, Gaetjens, Pariani e Wolanin.*
Técnico: William Jeffery
Juiz: Mario Vianna (Brasil)
Auxiliares: Costa (Portugal) e Delasalle (França)

Teoria e prática

No papel o time espanhol parecia muito superior ao americano, mas no campo as coisas não funcionaram assim. Após fazer 1 gol no início do primeiro tempo, os Estados Unidos passaram uma hora se defendendo e só a 10 minutos do fim do jogo a Espanha conseguiu o empate. Sem ânimo, os americanos relaxaram e tomaram mais 2 gols em apenas 3 minutos.

Estrangeiros

Muita gente imaginou que, após tomar duas surras do México nas eliminatórias, os Estados Unidos desistiriam de vir ao Brasil. Mas os americanos vieram, com uma equipe semi-amadora, na qual figuravam vários imigrantes: McIlvenny era escocês, Maca belga, Wolanin polonês e Gaetjens haitiano.

ESPANHA 2 x 0 CHILE

Data: 29 de junho de 1950, quinta-feira
Horário: 15 horas
Estádio: Maracanã, no Rio de Janeiro
Público estimado: 21 400 pessoas
Gols: *Basora* (17) e *Zarra* (32 do 1º)
Espanha – *Ramallets, Alonso e Parra; José Gonzalvo, Mariano Gonzalvo e Puchades; Basora, Panizo, Zarra, Igoa e Gainza.*
Técnico: Guillermo Eizaguirre Olmos
Chile – *Livingstone, Farias e Alvarez; Roldan, Busquets e Carvallo; Prieto, Cremaschi, Robledo, Muñoz e Diaz.*
Técnico: Arturo Bucciardi
Juiz: Alberto da Gama Malcher (Brasil)
Auxiliares: Marino (Uruguai) e Alvarez (Bolívia)

Só um tempo

Um jogo que a Espanha resolveu nos primeiros 45 minutos. Além de marcar os 2 gols, chutou duas bolas nas traves do Chile. E ainda teve um terceiro gol – de Zarra – anulado por impedimento. O fato mais notável do jogo foi que, como Espanha e Chile tinham uniformes com camisas da mesma cor – vermelhas – os espanhóis atuaram de azul, algo raro em sua história.

Relíquia

Desde 1950 a bola usada no jogo está em exposição permanente na sede da Federação Americana de Soccer, lembrando o dia de maior glória do futebol dos Estados Unidos.

Herói haitiano

Autor do gol americano, o haitiano Joseph 'Joe' Eduard Gaetjens nasceu em Port-au-Prince em 1924. Apesar de ter se mudado para os Estados Unidos em 1947, para estudar na Universidade de Columbia – e trabalhar como lavador de pratos –, nunca recebeu a cidadania americana. Mesmo com um visto provisório, foi convocado para a Seleção em 1950. Depois da Copa, atuou brevemente pelo Racing Club de Paris e retornou definitivamente ao Haiti, pelo qual disputou um jogo contra o México, nas eliminatórias de 1954. Em julho de 1964, Gaetjens foi preso pela Tonton Macoute, a polícia secreta do ditador haitiano Papa Doc, e desapareceu. Supõe-se que tenha sido assassinado por sua militância política.

ESTADOS UNIDOS 1 x 0 INGLATERRA

Data: 29 de junho de 1950, quinta-feira
Horário: 15 horas
Estádio: Independência, em Belo Horizonte
Público estimado: 12 000 pessoas
Gol: *Gaetjens* (38 do 1º)
Estados Unidos – *Borghi, Keough e Maca; McIlvenny, Colombo e Bahr; Edward Souza, John Souza, Gaetjens, Pariani e Mullen.*
Técnico: William Jeffery
Inglaterra – *Williams, Ramsey e Aston; Wright, Hughes e Dickinson; Finney, Mortensen, Bentley, Mannion e Mullen.*
Técnico: Walter Winterbottom
Juiz: Generoso Datillo (Itália)
Auxiliares: Galeatti (Itália) e Delasalle (França)

Zebra histórica

Os 12 000 torcedores que foram ao estádio Independência levaram algum tempo para acreditar: a poderosa Inglaterra derrotada pelo futebol rudimentar dos americanos. O jogo foi – e continua sendo – a maior zebra da história das Copas. Tanto é assim que, segundo várias versões, um redator de jornal em Londres, ao receber por teletipo a notícia do resultado, leu o cabeçalho *"England 0, USA 1"* e nem se abalou. Concluiu que havia ocorrido um erro na transmissão e começou a preparar o texto com o resultado "correto": *"England 10, USA 1"*. A Inglaterra jogou da mesma maneira que havia jogado contra o Chile: metodicamente e sem pressa. Já os Estados Unidos, conscientes de sua inferioridade, agruparam-se em sua metade do campo e ficaram só se defendendo. Na única vez em que chegaram perto da área inglesa no primeiro tempo, o gol saiu. O médio McIlvenny, quase na linha do meio do campo, cobrou um lateral para Bahr. Pressionado, ele levantou a bola na direção da área adversária e Williams saiu para defender, observado pelo zagueiro Ramsey. Foi quando o haitiano Gaetjens atirou-se sem medo e, com um toque de cabeça e alguma sorte, desviou-a das mãos do goleiro. Durante todo o jogo, a Inglaterra atacou e criou várias chances – só no primeiro tempo, foram 30 chutes a gol contra apenas 1 dos americanos. Mas, como bem disse o capitão inglês Billy Wright após a partida, "poderíamos ficar jogando o dia inteiro que o gol não sairia". Na verdade, quem esteve mais perto de fazer mais foram os Estados Unidos: em seu único contra-ataque no segundo tempo, aos 39 minutos, John Souza ficou sozinho diante de Williams, mas chutou torto, para fora. Após o jogo, os torcedores invadiram o campo e carregaram os surpreendentes americanos. Em 2005, o jogo histórico virou filme de Hollywood *(no detalhe, o cartaz)*.

THE GAME OF THEIR LIVES

ESPANHA 1 x 0 INGLATERRA

Data: 2 de julho de 1950, domingo
Horário: 15 horas
Estádio: Maracanã, no Rio de Janeiro
Público estimado: 80 000 pessoas
Gol: *Zarra* (4 do 2º)
Espanha – *Ramallets, Alonso e Parra; José Gonzalvo, Mariano Gonzalvo e Puchades; Basora, Panizo, Zarra, Igoa e Gainza.*
Técnico: Guillermo Eizaguirre Olmos
Inglaterra – *Williams, Ramsey e Eckerley; Wright, Hughes e Dickinson; Matthews, Mortensen, Milburn, Bailey e Finney.*
Técnico: Walter Winterbottom
Juiz: Giovanni Galeatti (Itália)
Auxiliares: Lutz (Suíça) e Datillo (Itália)

Despedida melancólica

Excetuando-se os jogos do Brasil, essa foi a partida com maior renda na Copa. Abalada pela inesperada derrota para os americanos, a Inglaterra fez quatro alterações no ataque, mas não adiantou: os gols também não saíram contra a Espanha. Com uma campanha pífia – uma vitória e duas derrotas – os ex-favoritos se despediam melancolicamente de sua primeira Copa. A única queixa foi a anulação de 1 gol, aparentemente legal, marcado por Milburn quando a Espanha vencia por 1 x 0. Com aquele ambíguo senso de humor inglês, o jornal londrino *Daily Telegraph* anunciou a eliminação da Seleção com um texto em forma de obituário. Já os espanhóis passaram para a fase final com três vitórias em três jogos. A imprensa passou a apontar a Espanha como "a grande adversária" do Brasil na luta pelo título, destacando as atuações do perigoso atacante Zarra, autor de 3 gols em 3 jogos.

CHILE 5 x 2 ESTADOS UNIDOS

Data: 2 de julho de 1950, domingo
Horário: 15 horas
Estádio: Ilha do Retiro, no Recife
Público estimado: 10 000 pessoas
Gols: *Robledo* (16) e *Cremaschi* (33 do 1º); *Wallace* (1), *Maca* (pênalti, 4), *Prieto* (9), *Cremaschi* (15) e *Riera* (37 do 2º)
Chile – *Livingstone, Farias e Alvarez; Machuca, Busquets e Rojas; Riera, Prieto, Cremaschi, Robledo e Ibañez.*
Técnico: Arturo Bucciardi
Estados Unidos – *Borghi, Keough e Maca; McIlvenny, Colombo e Bahr; Edward Souza, John Souza, Gaetjens, Pariani e Wallace.*
Técnico: William Jeffery
Juiz: Mario Gardelli (Brasil)
Auxiliares: Heyen (Paraguai) e Alvarez (Bolívia)

Derrotados, mas felizes

Estados Unidos e Chile jogaram no Recife ao mesmo tempo em que Espanha e Inglaterra se enfrentavam no Maracanã porque havia uma remota possibilidade de os americanos passarem à semifinal: caso vencessem e os espanhóis perdessem, Estados Unidos, Espanha e Inglaterra terminariam com duas vitórias e uma derrota cada e teriam de disputar um minitorneio eliminatório – o que seria uma fantástica dor de cabeça para os organizadores, já que não havia datas disponíveis. Para os chilenos, já eliminados, o jogo era a chance de se despedir dignamente. E eles abriram 2 x 0 no primeiro tempo. O autor do primeiro gol mal falava espanhol. Robledo nasceu no Chile, filho de pai chileno e mãe inglesa, mas a família se mudou para a Inglaterra quando ele tinha 3 anos de idade. Em 1950, o atacante do Newcastle foi convidado para disputar a Copa por seu país natal e gostou da experiência: em 1953, voltou definitivamente ao país e, anos mais tarde, virou técnico da Seleção Chilena.
No intervalo, os americanos souberam que Espanha e Inglaterra empatavam em 0 x 0. Voltaram arrasadores para a etapa final, empatando o jogo em 4 minutos. Mas o sonho durou pouco. No mesmo instante em que Maca fazia o tento de empate americano, Zarra marcava o gol espanhol no Rio de Janeiro.
Em seguida, foi a vez de os chilenos conseguirem 2 gols em 6 minutos. No fim, visivelmente cansados, os americanos ainda tomaram o quinto. Mesmo assim, voltaram para casa com uma participação muito superior à expectativa inicial.

Separatismo

Telmo Zarraonandia Montoya, o Zarra, tinha 29 anos e era do Athletic Bilbao, a equipe da região basca da Espanha.
Os bascos foram os primeiros habitantes da Península Ibérica e sempre sonharam em se separar e constituir uma pátria autônoma. O ETA – *Euzkadi ta Azkatasuna*, Terra Basca e Liberdade – é um grupo separatista que ficou famoso por seus atentados terroristas.
Um dos grandes símbolos desse povo é o Athtletic Bilbao – que só contrata bascos. Zarra foi o maior jogador do clube, pelo qual atuou de 1940 a 1955.

Sir Matthews

O jogo contra a Espanha marcou a única apresentação na Copa de 1950 da maior estrela inglesa, o ponteiro-direito Stanley Matthews, do Blackpool. A confiança na vitória era tanta que Matthews nem veio com o resto da Seleção – viajou para o Canadá, para uma série de amistosos "diplomáticos". Matthews chegou na véspera do jogo contra os Estados Unidos, mas sua presença em campo foi considerada desnecessária, diante da fraqueza do adversário. Até hoje os britânicos consideram Matthews, o "Mágico do Drible", como o melhor ponteiro de todos os tempos (superior a Garrincha, acreditam eles). Apesar de já estar com 35 anos em 1950 (nasceu em 1º de fevereiro de 1915), disputou a Copa de 1954 e atuou profissionalmente até os 51 anos. Em 1956, foi eleito o melhor jogador da Europa. Morreu em 23 de fevereiro de 2002, aos 87 anos.

Primeira fase

GRUPO III ITÁLIA, SUÉCIA E PARAGUAI

Sem titulares

A Suécia tinha sido medalha de ouro na Olimpíada de 1948, mas o regime semi-amador fez com que os melhores jogadores fossem contratados por clubes da Itália. E os suecos decidiram participar da Copa com uma Seleção formada apenas por atletas que atuavam no país. Assim, só três campeões olímpicos vieram ao Brasil. Mas a Itália tinha um problema ainda pior. O Torino, campeão nacional e base da Seleção, havia desaparecido num desastre aéreo (em maio de 1949) que matou os 27 passageiros e 4 tripulantes. Entre eles, Valentino Mazzola, de 31 anos, o melhor jogador da Itália na década de 1940 e cinco vezes campeão nacional. A tragédia vitimou a Azzurra: 40 dias antes, a Itália havia vencido a Espanha por 3 x 1 com sete craques do Torino.

SUÉCIA 3 x 2 ITÁLIA

Data: 25 de junho de 1950, domingo
Horário: 15 horas
Estádio: Pacaembu, em São Paulo
Público estimado: 50 000 pessoas
Gols: *Carapellese* (7), *Jeppsson* (25) e *Andersson* (34 do 1º); *Jeppsson* (24) e *Muccinelli* (30 do 2º)
Suécia – *Svensson, Samuelsson e Erik Nilsson; Nordahl, Andersson e Gärd; Sundqvist, Palmér, Jeppsson, Skoglund e Stellan Nilsson.*
Técnico: George Raynor
Itália – *Sentimenti, Giovannini e Parola; Annovazzi, Furiassi e Magli; Muccinelli, Boniperti, Cappello, Campatelli e Carapellese.*
Técnico: Ferruccio Novo
Juiz: Jean Lutz (Suíça)
Auxiliares: Beranek (Áustria) e Estevez (México)

A primeira surpresa

A delegação italiana, ainda chocada com a catástrofe do Torino *(leia ao lado)*, decidiu vir ao Brasil por mar, numa longa viagem de 15 dias, em vez de pegar um avião. Os italianos embarcaram em Nápoles no navio Sises e desembarcaram em Santos, após escalas em Las Palmas e no Rio. Durante a viagem, o limitado espaço no convés fez com que todas as bolas usadas nos treinamentos caíssem no mar. Em São Paulo, o Palmeiras orgulhosamente cedeu o Parque Antarctica para os patrícios. Assim, apesar dos desfalques de ambos os lados, a Itália ainda era vista como favorita para o jogo, pelo fato de ser bicampeã mundial. A equipe que estreou na Copa era experiente (média de idade de 27 anos) e os 11 jogadores pertenciam a clubes de grande tradição: Juventus (3), Lazio (2), Inter (2), Fiorentina, Bologna, Milan e Torino (1 cada). Para completar, a Itália jogava "em casa", já que a colônia de São Paulo era maioria absoluta no Pacaembu. Mas faltou sorte. Após fazer 1 gol aos 7 minutos, com Carapellese, os italianos se viram envolvidos pelo futebol de toques rápidos dos suecos, que viraram o jogo para 3 x 1. A Itália ainda descontou a 15 minutos do fim, mas aquele não era mesmo seu dia de sorte: aos 45 minutos do segundo tempo, Boniperti carimbou o travessão de Svensson e perdeu a chance do empate. Os jornais do dia seguinte chamaram a vitória sueca de "a grande surpresa da Copa".

Ciao, Itália

Como o grupo C só tinha três times, o empate entre Suécia e Paraguai eliminou a Itália. Para os paraguaios, ainda havia esperanças: bastava derrotar os italianos no jogo seguinte para disputar uma partida extra com a mesma Suécia para decidir quem passaria à fase final do campeonato.

SUÉCIA 2 x 2 PARAGUAI

Data: 29 de junho de 1950, quinta-feira
Horário: 15 horas
Estádio: Durival de Brito, em Curitiba
Público estimado: 10 500 pessoas
Gols: *Sundqvist* (17), *Palmér* (25) e *Jara* (34 do 1º); *López* (29 do 2º)
Suécia – *Svensson, Samuelsson e Erik Nilsson; Nordahl, Andersson e Gärd; Sundqvist, Palmér, Jeppsson, Skoglund e Jonsson.*
Técnico: George Raynor
Paraguai – *Vargas, Gonzalito e Céspedes; Gavilán, Leguizamón e Cantero; Avalos, López, Jara, Fretes e Unzaín.*
Técnico: Manuel Fleitas Solich
Juiz: George Mitchell (Escócia)
Auxiliares: Lemesic (Iugoslávia) e Garcia (Estados Unidos)

Estilo europeu

Apesar da vitória da Suécia sobre a Itália, o Paraguai era considerado favorito antes da partida. Tudo graças à ótima impressão deixada nos dois confrontos contra a Seleção B do Brasil, um mês antes, pela Taça Oswaldo Cruz – um empate em 3 x 3 no Pacaembu e uma derrota por apenas 2 x 0 em São Januário. O Paraguai era o único time sul-americano que jogava no estilo europeu, com lançamentos longos dos médios para os atacantes e poucos toques no meio de campo. Um sistema que surpreendeu o Brasil em 1949, mas que não funcionou contra a Suécia, que tinha zagueiros altos e acostumados a esse tipo de jogada. A Suécia foi ao ataque e aos 25 minutos já vencia por 2 x 0. No fim do primeiro tempo, o Paraguai começou a correr mais com a bola nos pés e conseguiu equilibrar as ações, fazendo 1 gol pelos pés de Jara. Mas, depois de finalmente conseguir o empate, com Lopez, a 16 minutos do apito final, os paraguaios se mostraram cansados demais para continuar pressionando.

ITÁLIA 2 x 0 PARAGUAI

Data: 2 de julho de 1950, domingo
Horário: 15 horas
Estádio: Pacaembu, em São Paulo
Público estimado: 28 000 pessoas
Gols: *Carapellese* (12 do 1º); *Pandolfini* (18 do 2º)
Itália – *Moro, Blason e Remondini; Fattori, Furiassi e Mari; Muccinelli, Pandolfini, Amadei, Cappello e Carapellese.*
Técnico: Ferruccio Novo
Paraguai – *Vargas, Gonzalito e Céspedes; Gavilán, Leguizamón e Cantero; Avalos, López, Jara, Fretes e Unzaín.*
Técnico: Manuel Fleitas Solich
Juiz: Arthur Ellis (Inglaterra)
Auxiliares: Delasalle (França) e Garcia (Estados Unidos)

Renovação total em campo

Desclassificada, a Itália resolveu dar oportunidade aos jogadores que não haviam atuado na estréia. Foram sete alterações e, surpreendentemente, o time fez bonito e venceu sem problemas, eliminando o Paraguai. Assim, a pouco cotada Suécia avançou para as finais. No dia seguinte, os dirigentes e atletas reiteraram uma decisão corajosa que haviam tomado na chegada ao Brasil: regressar à Europa de avião. O meia Riccardo Carapellese, do Torino, preferiu fazer a viagem de volta de navio. E só Benito Lorenzi, da Inter de Milão, se dispôs acompanhar o colega na longa travessia do Atlântico. Os demais embarcaram no Rio de Janeiro no dia 3 de julho e desceram no aeroporto de Ciampino, em Roma, no dia seguinte.

O Feiticeiro

No banco do Paraguai estava um técnico que, mais tarde, faria história no Brasil: Manuel Fleitas Solich. Em seus tempos de jogador, Solich foi centromédio da Seleção Paraguaia, pela qual disputou 32 jogos entre 1921 e 1927, marcando 3 gols. Assumiu como técnico em 1945 e teve seu momento de maior glória em 1953, no Sul-Americano de Lima, quando ganhou o torneio vencendo duas vezes o Brasil. Em 1953, Solich veio ao país para dirigir o Flamengo e lançou Dida e Zagalo. Papou o tricampeonato carioca de 1953, 1954 e 1955. Seu apelido no Paraguai, *El Brujo*, virou Feiticeiro no Brasil. Em 1960, Solich deixou o Flamengo para dirigir o Real Madrid, mas voltou ao Brasil um ano depois. Em 1971, lançou Zico. Cinco anos mais tarde, aposentou-se.

Primeira fase

GRUPO IV URUGUAI E BOLÍVIA

URUGUAI 8 x 0 BOLÍVIA

Data: 2 de julho de 1950, domingo
Horário: 15 horas
Estádio: Independência, em Belo Horizonte
Público estimado: 6 200 pessoas
Gols: *Miguez* (12), *Vidal* (18), *Schiaffino* (20) e *Miguez* (37 do 1º); *Vidal* (6), *Schiaffino* (9), *Julio Perez* (33) e *Ghiggia* (38 do 2º)
Uruguai – *Maspoli, Matias González e Tejera; Juan Carlos González, Obdulio Varela e Rodríguez Andrade; Ghiggia, Julio Perez, Miguez, Schiaffino e Vidal.*
Técnico: Juan Lopez
Bolívia – *Edmundo Gutierrez, Acha e Bustamante; Grecco, Valencia e Ferrel; Algaranaz, Ugarte, Caparelli, Benigno Gutierrez e Maldonado.*
Técnico: Mario Pretto
Juiz: George Reader (Inglaterra)
Auxiliares: Vianna (Brasil) e Lemesic (Iugoslávia)

"Um jogo menor"

Apenas 6 200 mineiros se animaram a ir ao estádio para ver "um jogo menor da Copa", como o classificou a imprensa. Num grupo de apenas dois times, bastou ao Uruguai vencer, como todos esperavam, para ir à fase final. Inesperado foi o placar de 8 x 0, a maior goleada do Mundial de 1950. Mas ele quase não aconteceu. No dia 28 de junho – quatro dias antes da partida – os dirigentes da Bolívia ameaçaram retirar-se da disputa porque a Fifa se recusava a arcar com as despesas de estadia no Brasil. Segundo o regulamento, a Fifa pagaria os gastos a partir de 22 de junho, mas os bolivianos haviam chegado dez dias antes. Para resolver o impasse, a CBD se propôs a cobrir os gastos.

Só no prejuízo

Quem ficou no prejuízo com a Copa foi a prefeitura de Belo Horizonte. Ela garantiu à CBD uma renda mínima de 1,5 milhão de cruzeiros nos três jogos realizados no estádio Independência. A renda somada, porém, foi de 703 255 cruzeiros. E o prefeito teve de abrir os cofres e morrer com quase 800 000 cruzeiros.

Fase final

Após uma semana inteira de descanso começaram os jogos da fase final – um torneio por pontos corridos, em turno único, entre Brasil, Suécia, Espanha e Uruguai. A ordem dos jogos foi definida num sorteio feito pela Fifa na segunda-feira, 3 de julho. Nesse mesmo dia decidiu-se que a Seleção faria seus três jogos no Maracanã, pois o Pacaembu não comportava mais de 70 000 torcedores.

BRASIL 7 x 1 SUÉCIA

Data: 9 de julho de 1950, domingo
Horário: 15 horas
Estádio: Maracanã, no Rio de Janeiro
Público estimado: 138 900 pessoas
Gols: *Ademir* (17 e 37) e *Chico* (39 do 1º); *Ademir* (6 e 14), *Andersson* (pênalti, 22), *Maneca* (40) e *Chico* (43 do 2º)
Brasil – *Barbosa, Augusto e Juvenal; Bauer, Danilo e Bigode; Maneca, Zizinho, Ademir, Jair e Chico.*
Técnico: Flávio Costa
Suécia – *Svensson, Samuelsson e Erik Nilsson; Nordahl, Andersson e Gärd; Sundqvist, Palmér, Jeppsson, Skoglund e Stellan Nilsson.*
Técnico: George Raynor
Juiz: Arthur Ellis (Inglaterra)
Auxiliares: Delasalle (França) e Garcia (Estados Unidos)

Música de ocasião

O oportunista Ary Barroso – consagrado compositor de "Aquarela do Brasil" e locutor de futebol – aproveitou o embalo da goleada sobre a Suécia e compôs "O Brasil Há De Ganhar", a primeira música feita para exaltar uma Seleção durante uma Copa do Mundo: "O Brasil há de ganhar, eh eh / Para se glorificar, eh eh / Bota a pelota no gramado / Palmas pro Selecionado / Que agora vai brilhar eh eh". Gravado pela cantora Linda Batista, o disco chegou às lojas no momento perfeito: logo após o jogo seguinte do Brasil, contra a Espanha, e vendeu dezenas de milhares de cópias.

Uma semana iluminada

Contra a Suécia, o Brasil começou a viver uma semana iluminada. Era o quarto jogo na Copa e a primeira vez que Flávio Costa conseguia repetir os 11 jogadores. A Seleção teve uma atuação quase irrepreensível. Principalmente o trio de atacantes (Zizinho, Ademir e Jair), que não encontrou dificuldades para trocar passes, já que a Suécia não tinha um sistema defensivo especial. Aos 10 minutos, o juiz Ellis anulou gol de Zizinho, alegando que a bola cruzada por Ademir havia saído pela linha de fundo. Aos 14 e 15 minutos, um aviso: o médio esquerdo Bigode foi batido duas vezes na corrida pelo veloz ponteiro sueco Sundqvist e em ambas foi obrigado a fazer falta, já que o zagueiro Juvenal não chegou para a cobertura. Mas antes que os suecos pudessem tentar novamente essa jogada saiu o primeiro gol brasileiro. Aos 17 minutos, Jair tocou para Ademir na entrada da área. Ele chutou rasteiro no canto direito de Svensson, que deixou passar por baixo do corpo. A Suécia não recuou e os dois times passaram 20 minutos se alternando no ataque. Aos 35 minutos, novamente Sundqvist bateu Bigode na corrida e chutou. A bola cruzou a pequena área e saiu do outro lado, pela linha de fundo. Houve um momento de silêncio no Maracanã, mas logo em seguida o Brasil fez 2 x 0 num lance idêntico ao do primeiro gol. Jair para Ademir, chute forte e rasteiro, bola no fundo da rede. O gol desnorteou os adversários. Dois minutos depois, Chico recebeu pela esquerda, driblou Samuelsson duas vezes e chutou com força, de pé esquerdo, entre Svensson e a trave. Nos 6 minutos seguintes, o Brasil criou mais três chances claras. No segundo tempo, a Suécia mal teve tempo para se aprumar. Aos 6 minutos, Ademir foi lançado em profundidade por Zizinho, entrou sozinho na área, passou por Svensson e entrou com bola e tudo: 4 x 0. Aos 14 minutos, Jair cruzou para a área. A bola passou pelos zagueiros Samuelsson e Nilsson e sobrou limpa para Ademir, que marcou o quinto com um chute no canto esquerdo. Aos 21 minutos, Palmér, num contra-ataque rápido, levou uma rasteira de Bigode dois passos fora da área. Longe do lance, o árbitro assinalou erradamente o pênalti, que Andersson bateu no canto esquerdo de Barbosa. Satisfeitos com os 5 x 1, suecos e brasileiros passaram quase 20 minutos só tocando de um lado para o outro. De repente, em 3 minutos o Brasil fez mais 2 gols. Aos 40, Chico centrou pelo alto. Maneca, que estava fazendo número em campo desde os 23 minutos, quando sentiu uma fisgada na coxa, acertou um chute rasteiro, de primeira, no canto esquerdo.

Mas o estiramento era sério e tirou Maneca do resto da Copa. Finalmente, aos 43 minutos, Samuelsson "esqueceu-se" de Chico, que ficou completamente sem marcação pela esquerda. O ponta recebeu de Jair, correu sozinho até dentro da área e chutou rasteiro na saída de Svensson. Além da natural euforia que os 7 x 1 provocaram, o resultado entrou para a história. Foi a maior goleada aplicada pelo Brasil em Copas e o jogo com maior número de gols feitos por um atleta brasileiro: Ademir, com 4.

URUGUAI 2 x 2 ESPANHA

Data: 9 de julho de 1950, domingo
Horário: 15 horas
Estádio: Pacaembu, em São Paulo
Público estimado: 54 800 pessoas
Gols: *Ghiggia* (29) e *Basora* (32 e 39 do 1º); *Obdulio Varela* (28 do 2º)
Uruguai – *Maspoli, Matias González e Tejera; Juan Carlos González, Obdulio Varela e Rodríguez Andrade; Ghiggia, Julio Perez, Miguez, Schiaffino e Vidal.*
Técnico: Juan Lopez
Espanha – *Ramallets, Alonso e Parra; José Gonzalvo, Mariano Gonzalvo e Puchades; Basora, Molowny, Zarra, Igoa e Gainza.*
Técnico: Guillermo Eizaguirre Olmos
Juiz: Mervyn Griffiths (País de Gales)
Auxiliares: Alvarez (Bolívia) e Datillo (Itália)

Jogadas ensaiadas

O encontro da *Fúria* espanhola com a *Garra* uruguaia resultou num jogo disputado com unhas e dentes. Na jogada mais repetida pelo ataque uruguaio Ghiggia recuava até quase o meio do campo para atrair seu marcador, o médio Puchades. Julio Perez se aproximava com a bola e fazia um lançamento longo, nas costas da defesa. Assim saiu o primeiro gol, com um chute de Ghiggia no canto esquerdo de Ramallets. A Espanha virou o placar em 7 minutos com 2 gols de Basora no fim do primeiro tempo. Em ambos houve falha de cobertura por parte do zagueiro Tejera. O médio Rodríguez Andrade se adiantava e deixava um espaço às suas costas, por onde Basora entrava. E Tejera não conseguia acompanhar a velocidade do ponteiro espanhol. A duras penas, o Uruguai empatou no segundo tempo, gol de Obdulio Varela – segundo muitas fontes, o melhor da Copa. Vendo que o ataque não conseguia penetrar na defensiva espanhola, ele se adiantou, recebeu a bola na intermediária, tirou dois marcadores da jogada e, antes da meia-lua, acertou um chute violentíssimo no ângulo direito de Ramallets.

Avaliação isenta

Para os jornalistas presentes, o Uruguai mostrou muito pouco, além da determinação de seus jogadores e das perigosas avançadas de Ghiggia pela direita. Schiaffino e Miguez pouco apareceram no ataque e a defesa tinha sérios problemas de posicionamento. Na opinião dos jornalistas, a Espanha esteve mais perto de vencer o jogo, mas acabou sendo surpreendida pelo chute lotérico de Obdulio Varela. E desanimou tanto que chegou a ser dominada pelos uruguaios nos 15 minutos finais. No Uruguai, a imprensa destacou a atuação da ala direita, Julio Perez e Ghiggia, respectivamente "o arco" e "a flecha".

URUGUAI 3 x 2 SUÉCIA

Data: 13 de julho de 1950, quinta-feira
Horário: 15 horas
Estádio: Pacaembu, em São Paulo
Público estimado: 8 000 pessoas
Gols: *Palmér* (4), *Ghiggia* (39) e *Sundqvist* (40 do 1º); *Miguez* (32 e 39 do 2º)
Uruguai – *Maspoli, Matias González e Tejera; Gambetta, Obdulio Varela e Rodríguez Andrade; Ghiggia, Julio Perez, Miguez, Schiaffino e Vidal.*
Técnico: Juan Lopez
Suécia – *Svensson, Samuelsson e Erik Nilsson; Johansson, Andersson e Gärd; Sundqvist, Palmér, Jeppsson, Mellberg e Jonsson.*
Técnico: George Raynor
Juiz: Giovanni Galeatti (Itália)
Auxiliares: Beranek (Áustria) e Nicola (Paraguai)

Virada no fim

Apenas 8 000 torcedores foram ao Pacaembu – menos de 15% da capacidade do estádio – para ver outra demonstração de fibra do Uruguai. A Suécia mais uma vez surpreendeu, ao abrir o marcador logo aos 4 minutos, com Palmér. E ainda mostrou poder de reação, ao marcar o segundo gol apenas 1 minuto após o empate uruguaio (marcado por Ghiggia). No segundo tempo, tudo parecia se encaminhar para uma vitória sueca, mas a partir dos 25 minutos os meias começaram a recuar, mais por cansaço do que por estratégia, deixando na frente apenas o centroavante Jeppsson. Faltava o atacante com mais habilidade para prender a bola no ataque, Skoglund. Foi aí que o Uruguai arriscou tudo: deixou apenas Tejera atrás, para cuidar de Jeppsson, e partiu para a ofensiva. E Julio Perez, um meia hábil e lúcido, mostrou seu valor. Dos pés dele saíram os dois passes que resultaram nos gols de Miguez, aos 32 e 39 minutos. Após o jogo, Ghiggia foi avaliado pela crítica esportiva como "muito perigoso, se lhe for dado espaço para correr".

Fazendo contas

Ao fim do primeiro tempo, os matemáticos começaram a fazer contas. No Rio, vencendo por 3 x 0, o Brasil tinha despachado a Espanha. No Pacaembu, a Suécia ganhava do Uruguai. Se os jogos terminassem assim, o Brasil chegaria à última rodada sem nenhum ponto perdido. Uruguai e Espanha, com três pontos perdidos, estariam fora da luta pelo título. Só a Suécia, com dois pontos perdidos, ainda teria uma chance: vencer a Espanha e torcer para o Uruguai derrotar o Brasil, para provocar um jogo extra contra os donos da casa. Esse era o receio dos delegados da Fifa que haviam votado contra o sistema de pontos corridos: a falta de uma final. Felizmente para a Fifa, o Uruguai remediou a situação no segundo tempo e disputou o título contra o Brasil.

BRASIL 6 x 1 ESPANHA

Data: 13 de julho de 1950, quinta-feira
Horário: 15 horas
Estádio: Maracanã, no Rio de Janeiro
Público estimado: 167 200 pessoas
Gols: *Parra* (contra, 15), *Jair* (23) e *Chico* (30 do 1º); *Chico* (11), *Ademir* (12), *Zizinho* (22) e *Igoa* (26 do 2º)
Brasil – *Barbosa, Augusto e Juvenal; Bauer, Danilo e Bigode; Friaça, Zizinho, Ademir, Jair e Chico.*
Técnico: Flávio Costa
Espanha – *Ramallets, Alonso e Parra; José Gonzalvo, Mariano Gonzalvo e Puchades; Basora, Panizo, Zarra, Igoa e Gainza.*
Técnico: Guillermo Eizaguirre Olmos
Juiz: Reg Leafe (Inglaterra)
Auxiliares: Costa (Portugal) e Mitchell (Escócia)

Touradas em Madri

No dia 12, véspera do jogo, já prevendo a grande revoada de funcionários na tarde seguinte, o governo federal e a prefeitura do Rio de Janeiro decretaram meio expediente nas repartições públicas. E quem foi ao Maracanã não se arrependeu. O Brasil deu um incrível, e até inesperado, banho de bola na Espanha. Inesperado porque, com apenas 2 minutos, Bigode já tinha sido obrigado a dar uma tesoura no ponta Basora e Zarra desperdiçara uma chance incrível, ao tocar a mão na bola. Até os 15 minutos houve alternância de ataques. O Brasil chutou cinco vezes a gol (todas para fora) e a Espanha, três (duas por cima e uma mandada para escanteio por Barbosa). Aos 14 minutos Bigode fez outra falta em Basora, que escapava sozinho pela direita. Mas no lance seguinte saiu o primeiro gol brasileiro. Da entrada da área, Ademir chutou no canto esquerdo de Ramallets. A jogada não parecia perigosa, mas, no meio do caminho, o zagueiro Parra tentou cortar e acabou desviando a trajetória da bola para o canto oposto. A Espanha logo levou o segundo gol – e de novo devido a uma falha, desta vez do goleiro. Eram decorridos 23 minutos quando Jair recebeu de Ademir fora da área e disparou um chute forte e rasteiro. Ramallets pulou e defendeu, mas a pelota escapou de suas mãos, subiu, tocou a rede pelo alto, e caiu dentro do gol. Foi a gota d'água. Os espanhóis se perderam em campo e aos 30 minutos saiu o terceiro gol verde-amarelo, depois de um bate e rebate na área. Chico recebeu de Bigode, entrou pela esquerda e atirou para o gol. Ramallets defendeu e Ademir pegou o rebote, mas chutou em cima do goleiro. A bola espirrou para Chico na esquerda, que emendou de primeira: 3 x 0. Nos últimos 15 minutos do primeiro tempo, o Brasil desacelerou um pouco e a partida ficou equilibrada de novo, mas sem chances mais agudas. Depois do intervalo, a Seleção voltou arrasadora: em 10 minutos, cinco petardos contra o gol europeu. No sexto chute, aos 11 minutos, o quarto gol. Deslocado pela direita, Ademir centrou rasteiro. A bola passou por vários jogadores dentro da área até chegar aos pés de Chico, sozinho pela esquerda. Ele chutou forte, no alto do canto direito. Um gol histórico, o de número 300 de todas as Copas. Zonza, a Espanha mal deu a saída e tomou mais um. A defesa brasileira recuperou a bola, que foi de Bauer a Zizinho, deslocado pela esquerda. Ele cruzou e Ademir, com um leve toque, colocou a redonda no canto direito de Ramallets. Finalmente, aos 22 minutos, Zizinho anotou o sexto, depois de receber um passe de Ademir. O Brasil parou de atacar e o espetáculo se transferiu do gramado para as arquibancadas do Maracanã. Sem ensaio prévio, mais de 160 000 pessoas se incorporaram a um coro musical que havia começado após o quarto gol. Acenando lenços, a multidão entoava a marchinha "Touradas em Madri", composta em 1942 por João de Barro e Alberto Ribeiro: "Eu fui às touradas em Madri – parará tibum, bum, bum...". Nem mesmo o gol de honra da Espanha, marcado por Igoa aos 26 minutos – o mais bonito do jogo, de meia bicicleta – tirou a torcida do transe melódico, que prosseguiu pelas ruas após o apito final do inglês Reg Leafe.

SUÉCIA 3 x 1 ESPANHA

Data: 16 de julho de 1950, domingo
Horário: 15 horas
Estádio: Pacaembu, em São Paulo
Público estimado: 11 200 pessoas
Gols: *Sundqvist* (15) e *Mellberg* (34 do 1º); *Palmér* (34) e *Zarra* (37 do 2º)
Suécia – *Svensson, Samuelsson e Erik Nilsson; Johansson, Andersson e Gärd; Sundqvist, Palmér, Rydell, Mellberg e Jonsson.*
Técnico: George Raynor
Espanha – *Eizaguirre, Alonso e Parra; Asensi, Silva e Puchades; Basora, Hernandez, Zarra, Panizo e Jungoza.*
Técnico: Guillermo Eizaguirre Olmos
Juiz: Karel van der Meer (Holanda)
Auxiliares: Garcia (Estados Unidos) e Lutz (Suíça)

Bate-boca espanhol

O lance mais curioso do jogo ocorreu logo após o primeiro gol sueco. A Espanha ainda não havia conseguido colocar os nervos no lugar depois da goleada para o Brasil e sua jovem defesa começou a discutir em altos brados após Sundqvist, livre de marcação, fazer 1 x 0. Todos ficaram esperando a nova saída, mas o bate-boca não parava e a bola continuava dentro do gol. O juiz precisou ir até a área espanhola, apaziguar os ânimos, apanhar a bola e levá-la para o centro do campo.

Rumo à vitória: com o goleiro espanhol Eizaguirrre batido, Sundqvist faz Suécia 1 x 0

Sucesso e debandada

Novamente um público pequeno foi ao Pacaembu – em sua maioria, membros da colônia espanhola em São Paulo. Os paulistanos acharam melhor ficar em casa para acompanhar a transmissão de Brasil x Uruguai pelo rádio (os aparelhos portáteis só apareceram dez anos mais tarde). Esperava-se que a Espanha vencesse bem e terminasse em terceiro lugar, mas a Suécia, jogando com entusiasmo, ganhou com facilidade. Com a óbvia exceção do Uruguai, a Suécia foi a equipe que saiu mais feliz da Copa. A terceira colocação estava muito além das expectativas iniciais. Mas o sucesso nos gramados teve um efeito devastador: 10 dos 11 titulares foram imediatamente contratados por clubes italianos, num desmanche semelhante ao observado dois anos antes, quando os suecos venceram o torneio olímpico de futebol em Londres. E a debandada quase começou por aqui mesmo: no dia 6 de julho, o São Paulo fez uma proposta de 170 000 cruzeiros (cerca de 10 000 dólares da época) pelo ponta Lennart Skoglund, do AIK de Gotemburgo. Mas a quantia foi considerada insuficiente pelo dirigente do clube que acompanhava a delegação. E era mesmo. Menos de um mês depois, Skoglund foi contratado pela Inter de Milão por cinco vezes esse valor.

"Já ganhou"

Os jornais de 16 de julho já antecipavam a manchete do dia seguinte: Brasil campeão. Em frente ao Maracanã a torcida comprava a "lembrança da vitória": cartões-postais da "Seleção Brasileira Campeã Mundial". Ao meio-dia o estádio estava superlotado. Os portões tinham sido abertos às 8 da manhã e supõe-se que, além dos quase 173 000 pagantes, perto de 30 000 torcedores entraram. Impossível de ser confirmado, esse número de 200 000 pessoas é sempre citado como a platéia daquela tarde. Pela única vez na Copa foram executados os dois hinos nacionais. Perfilados em campo, os atletas ouviram as execuções. Pelas fotos é possível ver que os brasileiros estão mais tensos e os uruguaios, mais relaxados (o único senão foi um ataque de incontinência urinária de Julio Perez, que se aliviou no próprio pé). O clima de "já ganhou", em vez de ser amenizado, virou discurso na voz do prefeito Ângelo Mendes de Moraes. Falando pelos alto-falantes, antes do jogo, ele nem se preocupou com o evidente menosprezo aos uruguaios, que também o ouviam: "Vós, brasileiros, que em poucas horas sereis aclamados por milhões de compatriotas. Vós, a quem já saúdo como vencedores". Tristes palavras.

Muito britânico

O inglês George Reader tinha 54 anos (nasceu em 22 de novembro de 1986) quando apitou a final. É, até hoje, mais velho a comandar uma decisão de Copa. Natural de Southampton, era famoso por interpretar as regras ao pé da letra. Quem o conhecia não estranhou ele apitar o fim do jogo exatamente aos 45 minutos do segundo tempo, com a bola na área do Uruguai.

BRASIL 1 x 2 URUGUAI

Data: 16 de julho de 1950, domingo
Horário: 14h55
Estádio: Maracanã, no Rio de Janeiro
Público estimado: 172 772 pessoas
Gols: *Friaça* (1), *Schiaffino* (21) e *Ghiggia* (34 do 2º)
Brasil – *Barbosa, Augusto e Juvenal; Bauer, Danilo e Bigode; Friaça, Zizinho, Ademir, Jair e Chico.*
Técnico: Flávio Costa
Uruguai – *Maspoli, Matias González e Tejera; Gambetta, Obdulio Varela e Rodríguez Andrade; Ghiggia, Julio Perez, Miguez, Schiaffino e Morán.*
Técnico: Juan Lopez
Juiz: George Reader (Inglaterra)
Auxiliares: Ellis (Inglaterra) e Mitchell (Escócia)

"Silêncio de morte"

Ao contrário do que acontecera contra Suécia e Espanha, desta vez o Brasil perdeu no cara ou coroa. O Uruguai escolheu o campo e os pessimistas acharam isso um mau presságio. Mas os brasileiros começaram arrasando. Com 20 segundos de jogo, Zizinho recebeu de Ademir, entrou pela direita e Rodríguez Andrade foi obrigado a dar um bico para escanteio. Até os 10 minutos a Seleção chegou mais quatro vezes com perigo. Nesse período, os uruguaios só chegaram três vezes à nossa intermediária e em duas foram parados com falta. Só aos 10 minutos Barbosa fez sua primeira defesa, num chute de Miguez. Durante todo o primeiro tempo, o Brasil finalizou 17 vezes, mas o Uruguai não deu mostras de desespero, tanto que só cometeu cinco faltas (contra 12 do escrete verde-amarelo). Em sua edição de 18 de julho de 1950, o *Jornal dos Sports*, do Rio, escreveu: "Os brasileiros se deixaram enganar por um domínio parecido com aquele do jogo contra a Suíça". As oportunidades reais de gol foram raras e a que levantou o público foi mais espetacular do que perigosa. Aos 21 minutos, Chico cruzou da esquerda e Ademir cabeceou. A bola deu a impressão de que encobriria Maspoli. Mas o goleiro conseguiu voltar e espalmá-la sobre o travessão. Na verdade, os três lances mais perigosos do primeiro tempo foram criados pelo Uruguai, que teve o mérito de anular a jogada mais forte do Brasil, que tinha funcionado com perfeição nos jogos contra Suécia e Espanha: a eficiente troca de passes entre Zizinho, Ademir e Jair. Os meias da Celeste recuavam para ajudar na marcação. Schiaffino dava o primeiro combate a Zizinho, com Tejera na sobra. Julio Perez marcava Jair, com Obdulio na sobra. E Matias González grudava em Ademir, sempre com um companheiro na sobra (Rodríguez Andrade pela esquerda, Gambetta pela direita, Tejera pelo centro). Essa "gaiola" deixava pouco espaço para manobrar. Para complicar, os ponteiros não ajudavam muito: Friaça era anulado pelo médio Matias González e Chico até enfrentava Gambetta pela esquerda, mas não conseguia dar continuidade às jogadas. O panorama mudou logo no primeiro minuto do segundo tempo, com o gol de Friaça *(confira a descrição dos três gols na página ao lado)*. O que aconteceu daí em diante nenhum jogador brasileiro soube explicar até hoje. O Brasil desacelerou e só voltou a chutar uma bola contra o gol uruguaio aos 11 minutos – Ademir, para fora. Enquanto isso, o Uruguai se recompôs e começou a forçar sua jogada mais forte, os ataques explorando a velocidade de Ghiggia pela direita. Aos 21 minutos Schiaffino empatou. Muito se falou sobre o "silêncio de morte" que se abateu sobre o Maracanã logo após o gol. Mas as gravações das transmissões de rádio mostram que o silêncio durou menos de meio minuto. A torcida continuou gritando e a partida ficou equilibrada. Mas o Uruguai tinha descoberto o caminho para a vitória, selada aos 34 minutos pelo próprio Ghiggia. No último lance do jogo, um escanteio batido por Friaça, o juiz Reader – já de costas para o lance – trilou o apito final no momento em que Maspoli e Jair pulavam em direção à bola, dentro da pequena área. O Uruguai era bicampeão.

Bola no fundo do gol uruguaio: depois, a Celeste viraria o placar e calaria as arquibancadas

Os gols da final

BRASIL 1 x 0 Ademir recebeu de Zizinho e enfiou um passe perfeito para a direita. Friaça correu na frente de Rodríguez Andrade e, do bico esquerdo da grande área, chutou rasteiro e cruzado, no canto oposto. Maspoli, que saía do gol, foi apanhado no contrapé: quando o goleiro se agachou para tentar a defesa, a bola já tinha passado. Enquanto a torcida comemorava, o jogo ficou mais de um minuto parado. Obdulio Varela colocou a bola debaixo do braço e foi discutir com o juiz Reader. Aparentemente reclamando de um impedimento de Friaça, Obdulio estava na verdade tentando esfriar o entusiasmo brasileiro e acalmar os próprios companheiros. Os cronômetros marcavam apenas 1 minuto do segundo tempo e o Brasil estava em vantagem no jogo decisivo.

URUGUAI 1 x 1 - Aos 21 minutos da etapa final, Obdulio Varela entregou a bola para Ghiggia, na intermediária brasileira, junto à linha lateral. Bigode, famoso por suas tesouras voadoras, tentou matar a jogada com um carrinho, mas Ghiggia escapou e correu sozinho por 20 metros. Quando ultrapassou a linha lateral da grande área, a 3 metros da linha de fundo, fez um passe rasteiro para Schiaffino, sem marcação. No momento em que Juvenal se atirou a seus pés, Schiaffino acertou um chute alto, de pé direito, no canto esquerdo de Barbosa. O jogo estava empatado, mas o resultado ainda dava o título para o Brasil.

URUGUAI 2 x 1 - Aos 34 minutos, Julio Perez livrou-se da marcação de Jair e partiu rumo à lateral direita. Tocou para Ghiggia, que devolveu de primeira e saiu correndo, para receber nas costas de Bigode. Pelo centro do ataque, Schiaffino entrava na área, livre de marcação, porque Juvenal tinha partido no encalço de Ghiggia. Barbosa pressentiu que o lance do primeiro gol poderia se repetir e afastou-se um pouco da trave esquerda. Sem levantar a cabeça, Ghiggia chutou exatamente ali, no momento em que Juvenal chegava para a cobertura, um décimo de segundo atrasado. Barbosa ainda deu um pulo para trás, mas a bola passou entre ele e a trave. Faltando apenas 11 minutos para o fim do jogo, o Uruguai virou o jogo. E o Brasil não teve forças para empatar. Os uruguaios calaram o Maracanã e se tornaram bicampeões mundiais de futebol.

Números

BOLA NA REDE
O artilheiro da Copa de 1950 foi o brasileiro Ademir, com 9 gols (ou 8, se o primeiro contra a Espanha for considerado como sendo do zagueiro Parra, contra). Ghiggia foi o único a marcar em todos os jogos: fez 4 gols, 1 em cada partida do Uruguai. No total, foram marcados 88 gols em 22 jogos, média de 4 por jogo, a quarta melhor média da história das Copas até hoje. O Brasil teve o melhor ataque – 22 gols em 6 jogos – e a melhor defesa, com média de 1 gol – sofreu apenas 6 no torneio.

PÊNALTIS E CARTÕES
Durante a Copa, os juízes assinalaram apenas três pênaltis e todos foram convertidos em gol. Curiosamente, nenhum jogador foi expulso nas 22 partidas.

DE BOLSO CHEIO
A bilheteria dos 22 jogos atingiu 36,2 milhões de cruzeiros (só os seis jogos do Brasil arrecadaram 25,7 milhões, 70% do total). A boa média geral – mais de 50 000 pessoas – deveu-se à lotação do Maracanã nos jogos da Seleção. A Copa foi lucrativa, a CBD ficou com 30% do total – perto de 11 milhões de cruzeiros – e os 70% restantes foram divididos entre a Fifa e os outros 12 países participantes.
As despesas giraram em torno de 16 milhões de cruzeiros e os patrocínios privados e oficiais ajudaram a CBD a sair com algum dinheiro no bolso. Quem saiu no lucro mesmo foi a Fifa, que levou o equivalente a 500 000 francos suíços, dinheiro que foi usado na compra de uma sede própria, em Zurique, na Suíça.

Os campeões

Só o massagista uruguaio tinha sido campeão do mundo, 20 anos antes. Todos os jogadores e o técnico viveram a glória (e a surpresa) de derrotar o Brasil em pleno Maracanã

»Roque Gastón Maspoli, *32 anos* (12 de outubro de 1917), do Peñarol. Nasceu em Montevidéu e começou nas divisões inferiores do Nacional, mas se consagrou no Peñarol, onde atuou de 1941 a 1955. Curiosamente, quando da convocação para a Copa de 1950 Maspoli não atravessava um bom momento e era reserva (o titular era Pereyra Nattero, que não foi convocado). Morreu aos 86 anos, em 22 de fevereiro de 2004.

»Eusebio Ramón Tejera, *28 anos* (6 de janeiro de 1922), do Nacional. Das divisões inferiores do Bella Vista, *El Cato* foi para o River Plate uruguaio e daí para o Nacional, em 1945. Sua convocação foi criticada pela imprensa, que o considerava acima do peso (com razão: pelas fotos de 1950 é possível notar uma barriguinha saliente, mesmo ele tendo perdido 8 quilos nos dois meses anteriores ao início da competição). Em 1951, Tejera foi para o Cúcuta Deportivo, da Colômbia, e retornou para encerrar a carreira no Defensor de Montevidéu. Foi taxista e aposentou-se como funcionário público. Morreu em 9 de novembro de 2002, aos 80 anos.

»Matias González, *25 anos* (6 de agosto de 1925), do Cerro de Montevidéu. Por jogar em um clube modesto, pela pouca idade e por sua relativa inexperiência – estreou na Seleção em abril de 1949 –, era considerado "verde" para ser titular. Mas Matias González teve uma atuação impecável contra o Brasil e ficou na Celeste (e no Cerro) até 1955, quando encerrou a carreira, aos 30 anos. Depois, teve problemas com o alcoolismo e morreu aos 56 anos, em 12 de maio de 1984.

»Schubert Gambetta, *30 anos* (14 de abril de 1920), do Nacional. Iniciou a carreira no pequeno Sud America de Montevidéu, passando depois pelo também desconhecido Progreso até chegar, em 1938, ao Nacional. Atuou pelo clube até 1953, com um hiato de um ano (1949), quando foi para o Milionários de Bogotá (Colômbia). Provavelmente o mais tranqüilo dos jogadores uruguaios de 1950, Gambetta adormeceu no vestiário do Maracanã pouco antes do jogo contra o Brasil e teve de ser despertado pelos companheiros para ouvir a preleção do técnico Juan Lopez. Encerrou a carreira em 1960, aos 40 anos, no pequeno Mar de Fondo, da segunda divisão uruguaia. E morreu aos 71 anos, em 9 de agosto de 1991.

»Obdulio Jacinto Varela, *32 anos* (20 de setembro de 1917), do Peñarol. *El Negro Jefe* nasceu no bairro de La Teja, em Montevidéu. O mulato Obdulio – daí o *Negro* do apelido – jogou no Deportivo Juventud de Montevidéu de 1936 a 1938, passando depois pelo Wanderers (de 1939 a 1942), quando foi convocado pela primeira vez para a Seleção. Em 1943, chegou ao Peñarol e ali foi o centromédio e capitão durante 12 anos, até encerrar a carreira, em 1955. Sua ascendência sobre os companheiros, tanto de clube como de Seleção, era total – daí o *Jefe* do apelido. Funcionário aposentado do Cassino de Montevidéu, morreu aos 86 anos, em 7 de maio de 2003. Em 2004, a camisa e as chuteiras que usou em 1950 (e que guardou a vida inteira) foram leiloadas. A Associação Uruguaia de Futebol pagou 2 700 dólares por elas e o presidente da República, Jorge Battle, declarou oficialmente os artigos "monumentos nacionais".

»Victor Pablo Rodríguez Andrade, *23 anos* (14 de fevereiro de 1927), do Central de Montevidéu. Sobrinho de José Leandro Andrade, que foi campeão mundial em 1930, Rodríguez Andrade começou no Cerro em 1947 e se transferiu para o Central F.C. de Montevidéu. Em 1952, assinou com o Peñarol. Após encerrar a carreira, trabalhou como porteiro da Assembléia Legislativa, na capital uruguaia. Morreu aos 58 anos, em 19 de maio de 1985.

»Alcides Edgardo Ghiggia, *23 anos* (22 de dezembro de 1926), do Peñarol. Começou no Atlanta, passou pelo Sud America e chegou ao Peñarol em 1947. Disputou 12 jogos pela Seleção Uruguaia e marcou apenas 5 gols (sendo 4

deles na Copa de 1950). Foi contratado pela Roma em 1953 e se naturalizou italiano em 1956. Atuou pela Seleção da Itália em cinco ocasiões, entre 1957 e 1959. Em 1960, foi vendido para o Milan e em 1962 retornou ao Uruguai, jogando por várias equipes menores até encerrar a carreira no Danubio, aos 42 anos, em 1968. Assim como Obdulio Varela, também se aposentou como funcionário do Cassino de Montevidéu. Em outubro de 2004, ganhou a Ordem do Mérito da Fifa.

»Julio Gervasio Perez, *24 anos* (19 de junho de 1926), do Nacional. Começou no pequeno Edinson, time da Liga Metropolitana de Montevidéu. Em 1946, passou para o Racing e em 1948 foi por empréstimo para o River Plate uruguaio, transferindo-se para o Nacional um mês antes da Copa de 1950. Só foi convocado porque Hohberg, centroavante do Peñarol, ainda não havia obtido a cidadania uruguaia e porque Válter Gomez, do Nacional, estava cumprindo uma longa suspensão por indisciplina. Julio Perez jogou no Nacional até 1957, ano em que foi emprestado para o Internacional de Porto Alegre. De volta a Montevidéu, em 1958, passou por vários clubes menores. Depois de encerrar a carreira, em 1963, foi durante 20 anos técnico de times juvenis. Nunca aceitou treinar equipes principais porque seus negócios particulares – era pecuarista – o impediam de dedicar-se em tempo integral ao futebol. Morreu aos 76 anos, em 22 de setembro de 2002.

»Oscar Omar Miguez, *24 anos* (5 de dezembro de 1925), do Peñarol. Começou a jogar com Ghiggia no Sud America. Curiosamente, em posições invertidas às que atuaram na Copa do Brasil: Miguez era ponta-direita e Ghiggia, centroavante. Em 1948, foi para o Peñarol, onde ficou até 1959, quando se transferiu para o Sporting Cristal, do Peru. Em 1950, era mais o mais temido atacante do Uruguai – tinha sido artilheiro do campeonato de 1949, com 20 gols em 18 jogos. Miguez ainda é o maior goleador uruguaio em Copas do Mundo, com 8 gols. Depois de encerrar a carreira, foi técnico de equipes menores.

»Juan Alberto Schiaffino, *25 anos* (28 de julho de 1925), do Peñarol. Começou nas divisões inferiores do Peñarol aos 17 anos, em 1943. Dois anos mais tarde, mesmo sem ser titular, foi convocado pela primeira vez para a Seleção. Jogou pelo clube até 1954, quando se transferiu para o Milan. Em 1960, foi para a Roma, ficando até 1962. Assim como Ghiggia, também se naturalizou italiano e disputou quatro partidas pela Seleção da Itália entre 1957 e 1958. Pelo Uruguai, jogou 23 vezes e fez 11 gols – 7 deles em Copas do Mundo. Depois de encerrar a carreira, em 1962, ficou 15 anos afastado do futebol, até tornar-se técnico do Peñarol. Mas logo decidiu voltar a cuidar de seus negócios imobiliários. Morreu aos 77 anos, em 13 de novembro de 2002.

DE OLHO NA TAÇA

Sem cerimônia

A CBD planejou em detalhes a festa da taça. Ela seria levada por Jules Rimet até o centro do campo, onde os dois times estariam perfilados. Lá, o presidente da Fifa entregaria o troféu e faria um breve discurso. Como Rimet tinha 76 anos, preferiu não correr riscos. Escoltado por policiais, deixou a tribuna de honra com o jogo ainda empatado em 1 x 1. Quando finalmente chegou lá embaixo não viu equipes perfiladas. O gramado tinha sido invadido e os jogadores uruguaios gritavam e se abraçavam. Alguém conduziu-o até um cantinho, onde se formou um bolo de jogadores, dirigentes e jornalistas. Ali, de improviso, ele disse algumas palavras em francês e entregou a taça a Obdulio Varela.

»Ruben Morán, *19 anos* (6 de agosto de 1930), do Cerro. Era o mais jovem jogador em campo na final da Copa de 1950. Foi titular apenas na partida contra o Brasil, por causa da contusão do experiente titular Ernesto Vidal (nascido em Trieste, na Itália, tinha construído sua carreira jogando em times argentinos e, na época do Mundial, atuava pelo Peñarol). Morán era o contrário: inexperiente, havia iniciado a carreira no ano anterior, no Cerro de Montevidéu. Depois da Copa, viveu do prestígio de campeão: só entrou em campo em mais três partidas pela Seleção e durante os 15 anos seguintes passou por vários clubes de pouca expressão. Parou de jogar aos 35 anos, em 1965. Foi também o primeiro dos 11 titulares da grande decisão a morrer: aos 46 anos, em 10 de janeiro de 1978, quando ainda era funcionário público da ativa.

»Juan Lopez Fontana, *42 anos* (15 de março de 1908). O técnico do Uruguai dirigia na época a equipe do Central. Assistente da Seleção desde 1934, só foi nomeado treinador 30 dias antes da Copa. Esteve na mesma função na Copa de 1954 e nas eliminatórias para a de 1958. Nas três Copas seguintes voltou a ser auxiliar técnico (em 1962, de Hector Scarone; em 1966, de Ondino Vieira; e em 1970, de Juan Hohberg). Ao todo, foram 36 anos de serviços à Celeste, o que faz dele uma espécie de Zagalo do Uruguai. Juan Lopez morreu aos 76 anos, em 15 de abril de 1984.

»Ernesto Figoli, O massagista Ernesto 'Matucho' Figoli é o único bicampeão mundial de futebol pelo Uruguai, já que havia sido massagista também na Copa de 1930.

AGORA, É PENSAR EM 1954

O uruguaio Maspoli consola Zizinho logo após a final da Copa de 1950: na época, a derrota brasileira foi atribuída a erros individuais de Barbosa e Bigode

A grande tragédia

A derrota na final para o Uruguai está entalada na garganta dos brasileiros até hoje. Tristeza e frustração já foram amenizadas por várias vitórias para "vingar" aquela triste tarde de 16 de julho, mas a Seleção demorou muito para superar o trauma e voltar a sonhar com a conquista da Copa do Mundo

Nenhuma das hoje famosas histórias sobre 16 de julho de 1950 foi noticiada pela imprensa no dia seguinte. Segundo os jornais, o Brasil perdeu porque caiu numa armadilha tática e não soube escapar dela. O Uruguai neutralizou nossa jogada mais forte, o ataque pelo meio, e explorou um ponto vulnerável em nossa defesa. Como resumiu o *Diário do Povo* carioca no dia 18, "quando se tratava de enfrentar adversários que não faziam marcação pessoal sobre nossos jogadores, as falhas desapareciam e os elementos fracos (a defesa) eram esquecidos ante a virtuosidade e a eficiência do trio central (Zizinho, Ademir e Jair)".

Na época, a derrota no jogo decisivo foi atribuída às falhas individuais de dois jogadores – Barbosa e Bigode – e à inabilidade do técnico Flávio Costa para reforçar a marcação pelo lado esquerdo da defesa. Ou "impossibilidade", segundo Costa, já que a grande aglomeração de pessoas na boca do túnel o impedia de ver direito a partida. E foi outra declaração dele que fez Juvenal passar a ser considerado o "terceiro culpado". O próprio treinador atribuiu a ele responsabilidade direta pelos 2 gols uruguaios, por falta de cobertura a Bigode.

Mas, com o passar dos dias, a frustração e a tristeza pela derrota inacreditável não diminuíram. Ao contrário, foram gradativamente aumentando, até se transformarem na **grande tragédia que atravessa gerações**. E os acuados jogadores, em diversos depoimentos dados desde então, passaram a relatar fatos que, na verdade, não ocorreram. Depois do estrago feito, todos concordaram que os problemas começaram na sexta-feira, antevéspera da final, quando Flávio Costa tirou os atletas da tranqüilidade do retiro no Joá e os levou para o estádio São Januário. Essa mudança de fato ocorreu, só que na semana anterior, no dia 10 de julho, segunda-feira, três dias antes do jogo com a Espanha – e o Brasil esmerilhou os espanhóis.

Em preto-e-branco, as imagens do Maracanã superlotado e da multidão perplexa com o segundo gol uruguaio (filmado por uma câmera colocada atrás do gol de Barbosa) estão entre as mais emblemáticas da história do futebol brasileiro. Depois de duas goleadas arrasadoras sobre Espanha e Suécia, ninguém poderia imaginar que o Brasil, precisando apenas de um empate para ser campeão do mundo pela primeira vez, pudesse perder para o Uruguai. Mas foi o que aconteceu naquela tarde de 16 de julho de 1950. Sentimento semelhante se abateu sobre a torcida brasileira na Copa de 1982, disputada na Espanha. Com um time cheio de craques, a Seleção também podia empatar, mas perdeu por 3 x 2 para a Itália e ficou fora da disputa pelo título. A Tragédia do Sarriá (nome do estádio em que foi realizada a partida, em Barcelona) também comove milhões de torcedores.

O time uruguaio chegou à Copa sob a total desconfiança dos torcedores e da imprensa de seu país por causa da falta de preparação adequada

Outra lenda que ninguém sabe de onde surgiu é a do tapa. Segundo ela, no segundo tempo, quando o Brasil já vencia por 1 x 0, Bigode fez uma falta em Ghiggia perto da linha lateral e Obdulio Varela teria dado um bofete no rosto do médio, desmoralizando-o e desestabilizando toda a Seleção. O lance aconteceu aos 28 minutos, mas do primeiro tempo – quando ainda estava 0 x 0. Para alguns atentos narradores de rádio, Obdulio "passou a mão no pescoço de Bigode", pedindo calma. Já o jornal *A Gazeta Esportiva*, em sua reconstituição "minuto por minuto" da partida, nem sequer faz menção ao caso. Mas, um mês depois do jogo já havia torcedor jurando que, nas arquibancadas do Maracanã, tinha ouvido o som da bofetada.

O trauma da mascote

Orlando Paes Loureiro Filho tinha 9 anos de idade quando posou com a Seleção antes da final de 1950. Seu pai era sócio do Vasco e conhecia o técnico Flávio Costa. Em 1945, Costa autorizou Orlando pai a vestir Orlando Filho com o uniforme do Vasco e entrar em campo com o time. Daí em diante o Vasco começou a ganhar tudo e a mascote virou símbolo de sorte. Assim, Orlando Filho foi "convocado" para o jogo decisivo da Copa de 1950. O trauma da tragédia que o menino presenciou dentro de campo só foi resolvido 15 anos depois (*foto*). Em 1965, os veteranos de 1950 fizeram um amistoso no Maracanã. O Brasil ganhou (1 x 0) e a mascote brasileira foi Orlando Neto, então com 2 anos de idade, filho de Orlando Filho.

Obdulio Varela: aos 32 anos, o capitão uruguaio se achava velho para a Copa

Histórias épicas de heroísmo

Por outro lado, se alguém procurar artigos sobre o time uruguaio só vai encontrar épicas histórias de heroísmo. O Uruguai chegou à Copa sob a total desconfiança dos torcedores e da imprensa. Contra o Brasil, nos últimos dez jogos disputados antes da Copa, o Uruguai tinha perdido 7, empatado 1 e vencido apenas 2. O grande time da época era o Peñarol, apelidado de *La Maquina*, campeão nacional invicto de 1949, com 16 vitórias e 2 empates, 62 gols a favor e 17 contra.

Mas o campeonato acabou em 22 de dezembro de 1949 e, nos dois meses seguintes, em férias, os jogadores perderam um pouco a forma. Além disso, só em março de 1950 a federação designou um técnico para a Seleção: Enrique Hernández, uruguaio que tinha sido bicampeão espanhol com o Barcelona em 1948 e 1949. Mas ele logo se indispôs com os jogadores. Seu método de trabalho tinha como base a disciplina rígida, comum na Europa, mas nem tanto na América do Sul.

"Brasil vence o Uruguai! 2 x 1!". A manchete, que muita gente sonhou ver nos jornais de 17 de julho de 1950, foi estampada pelos jornais gaúchos quatro meses antes. Em 19 de março, o E.C. Brasil, da cidade gaúcha de Pelotas, venceu a Seleção do Uruguai no estádio Centenário. Pelo Uruguai, atuaram cinco futuros campeões do mundo: Maspoli, Ghiggia, Julio Perez, Miguez e Vidal. A derrota da Celeste para um time do interior do Rio Grande do Sul enfureceu a imprensa local. E a fúria aumentou três dias mais tarde, quando o Peñarol venceu o mesmo Brasil por acachapantes 7 x 1.

No dia seguinte, pressionado, Enrique Hernández renunciou ao cargo e o Uruguai ficou sem técnico. O nome mais forte

Pose antes da final: quis o destino que aquele 16 de julho fosse do Uruguai

para substituí-lo era o de Emerico Hirsch, húngaro que treinava o Peñarol. Mas a Associação Uruguaia de Futebol não simpatizava com ele e achou por bem protelar a decisão. Em abril, a Seleção – ainda sem treinador – viajou para dois amistosos contra o Chile, em Santiago. Mas, em represália pelo descaso com que Hirsch vinha sendo tratado pelos cartolas, o Peñarol se recusou a ceder seus jogadores.

Em 18 de abril, o presidente da comissão técnica, Americo Gil, declarou que da maneira como as coisas estavam era preferível o Uruguai nem participar da Copa. E foi necessária uma reunião de emergência para que os direrores do Peñarol concordassem em ceder seus atletas para as quatro partidas que a Celeste faria no Brasil no fim de abril: um contra o Paraguai (derrota por 2 x 1) e três contra o Brasil pela Copa Rio Branco (duas derrotas uruguaias e uma vitória). Nem mesmo a vitória por 4 x 3, no Pacaembu, entusiasmou a imprensa do país vizinho, que reconheceu a superioridade brasileira em campo.

É incrível, mas nesses quatro embates o Uruguai ainda não tinha um técnico. E a situação permaneceu assim por mais um mês. No fim de maio, foram mais dois amistosos (contra o Fluminense, em Montevidéu), com dois empates. Após o segundo jogo, o jornal *El País*, reclamou com veemência: "Os jogadores estão sem treino, gordos e pesados". Havia ainda outro problema: Obdulio Varela, o capitão, não queria jogar o Mundial. Considerava-se, aos 32 anos, um pouco passado. Foi um dirigente do Wanderers de Montevidéu, *don* Luis Alberto Castagnola, seu amigo, quem o convenceu a, pelo menos, tentar.

Nem eles acreditavam

Só no dia 2 de junho – exatamente um mês antes da estréia na Copa – a comissão técnica nomeou um treinador: Juan Lopez, do modesto Central de Montevidéu. Lopez havia treinado uma vez a Seleção principal, no Campeonato Sul-Americano de 1947, mas vinha trabalhando como assistente da comissão técnica desde 1934. Com o escasso tempo que lhe restava, Lopez decidiu nem mexer na equipe: simplesmente manteve os jogadores que haviam disputado a Copa Rio Branco em abril e tentou colocá-los em boa forma física. Antes do Mundial, o Uruguai fez apenas dois treinos, em 11 e 18 de junho, contra combinados das províncias de Florida e San José. Preocupada, a imprensa chamou alguns dos campeões mundiais de 1930, para fazer uma visita à concentração e, assim, "transmitir inspiração" aos jogadores que viajariam ao Brasil.

Em 23 de junho, os convocados desembarcaram no Rio e o *El País* finalmente obteve o primeiro testemunho favorável ao Uruguai: o técnico brasileiro Flávio Costa afirmou que "os jogadores são muito melhores do que seus compatriotas imaginam" – declaração que o jornal chamou de "apenas diplomática". Os resultados obtidos durante a Copa – tirando os 8 x 0 na anêmica Bolívia – foram exatamente o que o país inteiro esperava: um bravo empate com a Espanha e uma dura vitória sobre a Suécia, ambos conseguidos mais na base da superação. O Brasil, ao contrário, vinha encantando com suas exibições. Assim, a Celeste entrou no jogo decisivo sabendo que uma derrota seria considerada normal. Mas quis o destino que aquele 16 de julho, que era para ser o dia do Brasil, acabasse sendo o dia do Uruguai.

A vida depois da Copa

A Seleção Brasileira só voltou a jogar (2 x 0 em cima do México) quase dois anos após a Copa, em 6 de abril de 1952, ao estrear no Pan-Americano do Chile. Dos vice-campeões, atuaram Bauer, Ademir e Baltazar (que marcou os 2 gols). Nesse mesmo torneio, em 16 de abril de 1952, o Brasil bateu o Uruguai por 4 x 2, na primeira das inúmeras vitórias para "vingar a derrota de 1950". Jogaram pela Celeste seis campeões mundiais: Maspoli, Matias González, Rodríguez Andrade, Ghiggia, Julio Perez e Miguez. Cobrando pênalti, Ghiggia fez o segundo gol uruguaio. Pelo Brasil atuaram Friaça, Eli, Ademir e Baltazar, mais três reservas de 1950: Castilho, Nilton Santos e Rodrigues. Nossos gols foram de Didi, Rodrigues, Baltazar e Pinga.

No jogo final, o Brasil venceu o Chile por 3 x 0 e passou a ser campeão pan-americano (um título histórico, pois foi o primeiro conquistado fora do país). No Maracanã, a Seleção só pisou novamente quase quatro anos depois da tragédia de 1950. Foi em 14 de março de 1954, contra o Chile, pelas eliminatórias do Mundial de 1954. Nossa Seleção venceu por 1 x 0, gol de Baltazar, e jogou pela primeira vez de camisas amarelas – o uniforme branco estava aposentado. De roupa nova, e com novas caras, o Brasil voltou a sonhar com a conquista de sua primeira Copa.

O Pan-Americano do Chile: em 1952, o primeiro título brasileiro fora do país

Os vice-campeões

Embora tenham perdido parte da fama que tinham antes da Copa, os jogadores não foram abandonados pelo poder público. Quem pediu conseguiu uma boquinha. Barbosa, Jair e Chico tornaram-se funcionários da ADEG, responsável pela administração do Maracanã. Augusto, censor da Polícia Federal. Danilo, burocrata do Ministério da Agricultura. Zizinho, agente fiscal. E Ademir, relações públicas do Instituto Brasileiro do Café. Conheça aqui os perfis dos vice-campeões mundiais de 1950.

»Moacir Barbosa nasceu em Campinas, interior de São Paulo, e iniciou a carreira futebolística na equipe amadora da empresa em que trabalhava como químico farmacêutico, o Laboratório Paulista de Biologia. Curiosamente, começou na ponta-esquerda (foi tricampeão amador em 1939, 1940 e 1941 e artilheiro dos torneios de 1937 e 1938). Tornou-se goleiro no Ypiranga, de São Paulo, em 1942. Transferiu-se para o Vasco em 1944, onde ficou por 16 anos. Encerrou a carreira no Campo Grande carioca em 1962, aos 41 anos. Jogou 20 vezes pela Seleção e sofreu 22 gols. Depois da Copa de 1950, atuou uma única vez como titular, contra o Equador, pelo Sul-Americano de 1953. Em 1969, quando a ADEG, que administrava o Maracanã, substituiu as traves de madeira por outras, metálicas, Barbosa (que era funcionário da empresa) ganhou as antigas de presente. E queimou-as num churrasco com os amigos. Barbosa morreu em 7 de abril de 2000 ainda afirmando que a maior pena por um crime cometido no Brasil era de 30 anos e que a sua já chegava, sem perdão, a 50 anos.

»Augusto da Costa, o capitão, era o segundo mais velho da equipe, depois de Jair. Natural do Rio de Janeiro, começou no São Cristóvão (foi bicampeão juvenil carioca em 1936 e 1937) e se transferiu para o Vasco em 1945. Foi cinco vezes campeão carioca entre 1945 e 1952. Era o único jogador da Seleção que tinha outro emprego: trabalhava na Polícia Especial do Rio. Retirou-se do futebol, ainda no Vasco, em 1954. Jogou 18 vezes pelo Brasil entre 1947 e a final contra o Uruguai. Morreu no Rio em 1º de março de 2004, aos 83 anos.

»Juvenal Amarijo nasceu em Santa Vitória do Palmar, no Rio Grande do Sul. Seu primeiro clube foi o Brasil de Pelotas. Passou pelo Farroupilha e pelo Cruzeiro de Porto Alegre, antes de seguir para o Flamengo, em 1948. Logo depois da Copa, passou para o Palmeiras (foi campeão paulista em 1950). Jogou também pelo Bahia (foi campeão baiano em 1954 e 1956) e pendurou as chuteiras no Ipiranga de Salvador, em 1958. Fixou-se na capital baiana como despachante de cartório e bilheteiro do estádio da Fonte Nova. Só atuou na Seleção no ano de 1950: dez partidas com a camisa do Brasil. Depois da derrota para o Uruguai, não foi mais convocado.

»José Carlos Bauer, o mais jovem da Seleção de 1950, foi o que teve a carreira menos afetada após a derrota para o Uruguai (chegou a disputar o Mundial de 1954). Paulistano, começou como juvenil do São Paulo – foi bicampeão da categoria em 1941 e 1942 – e conquistou cinco títulos estaduais: os bicampeonatos de 1945 e 1946 e 1948 e 1949, mais o de 1953. De 1949 a 1955 disputou 26 jogos pela Seleção. Depois do São Paulo, foi para o Botafogo (1954), a Portuguesa de Desportos (1955) e o São Bento de Sorocaba (1956). Após encerrar a carreira, tornou-se técnico. Em 1960, estava na cidade de Lourenço Marques, em Moçambique, e viu qualidades num jovem atacante local – Eusébio, então com 18 anos. Em suas memórias, Eusébio conta que Bauer o indicou para o São Paulo, mas o tricolor achou que o investimento não valeria a pena. Bauer então falou com o húngaro Bela Guttman, que tinha sido técnico do São Paulo e dirigia o Benfica de Portugal. Infelizmente, o Brasil cruzou com Eusébio na Copa do Mundo de 1966.

»Danilo Alvim estreou no América, passou pelo Canto do Rio e chegou ao Vasco em 1945. Foi cinco vezes campeão carioca entre 1945 e 1952 e fez 25 jogos pela Seleção entre 1945 e 1953. Chorou copiosamente após a derrota para o Uruguai naquela trágica tarde de 16 de julho. Transferiu-se para o Botafogo em 1954 e começou como técnico em 1956. Em 1963, dirigindo a Seleção da Bolívia, foi campeão sul-americano. Morreu em 16 de maio de 1996, aos 74 anos.

»João Ferreira, o Bigode, iniciou a carreira em times menores de Belo Horizonte: o Sete de Setembro, o Industriário e o Combate. Foi para o Atlético, pelo qual se sagrou bicampeão mineiro em 1941 e 1942. No ano seguinte assinou com o Fluminense (foi campeão carioca em 1946). Em 1949 transferiu-se para o Flamengo, mas retornou ao Flu em 1952. Pela Seleção, atuou dez vezes – sua última partida foi a fatídica derrota na final. Em 1950, entrevistado pelo jornal *A Gazeta Esportiva*, declarou que seu "maior sonho" seria um dia ter a própria oficina de conserto de rádio – e foi exatamente isso que ele fez ao encerrar a carreira, em 1955. Bigode morreu em Belo Horizonte em 31 de julho de 2003, aos 81 anos de idade.

»Albino Friaça Cardoso nasceu em Porciúncula, estado do Rio. Começou no Fluminense de sua cidade natal. Em 1942, foi para o Ipiranga de Carangola (Minas Gerais). De lá, transferiu-se para o Vasco, onde ficou de 1943 a 1949, sagrando-se quatro vezes campeão carioca. Em 1949, foi campeão paulista pelo São Paulo e artilheiro do torneio, com 24 gols. Após a Copa retornou ao Vasco, pelo qual foi campeão carioca de 1952. Dois anos mais tarde passou para a Ponte Preta. Encerrou a carreira no rival Guarani, em 1958. Entre 1948 e 1952, atuou 12 vezes pela Seleção e, apesar de ter sido um razoável artilheiro em seus vários clubes, só marcou um gol pelo Brasil: "aquele".

»Thomaz Soares da Silva, natural de Niterói, era chamado de Mestre Ziza e considerado o mais talentoso jogador da década de 1940. O início foi em clubes pequenos – o Carioca de Niterói e o Byron de São Gonçalo. Em 1939 assinou com o Flamengo (foi tricampeão carioca em 1942, 1943 e 1944). Em 1950, pouco antes da Copa, foi vendido ao Bangu por 800 000 cruzeiros, "uma extravagância" na época. No fim de 1956, aos 35 anos, transferiu-se para o São Paulo e sagrou-se campeão paulista de 1957, encerrando sua brilhante carreira de boleiro. De 1942 a 1957, Zizinho atuou 53 vezes pela Seleção, marcando 30 gols. Morreu em Niterói, em 8 de fevereiro de 2002, aos 80 anos.

»Ademir Marques de Menezes começou a carreira no Sport Recife, em sua cidade natal. Foi bicampeão juvenil e tricampeão profissional (1939, 1940 e 1941). No ano seguinte, abandonou a faculdade de Medicina e se transferiu para o Vasco. Permaneceu 14 anos no clube (com uma rápida passagem pelo Fluminense em 1946). No Rio, formou-se em Odontologia, mas nunca exerceu a profissão. De 1946 a 1953, Ademir jogou 39 vezes pela Seleção, marcando 32 gols. Após encerrar a carreira virou comentarista e jornalista esportivo. Morreu em 11 de maio de 1996, aos 74 anos.

»Jair Rosa Pinto, natural de Quatis, na época distrito de Barra Mansa (RJ), iniciou no juvenil do Vasco, mas sua fama começou no pequeno Madureira, quando fez parte de um eficiente trio atacante com Lelé e Isaías – apelidado de Os Três Patetas. Os três foram contratados pelo Vasco em 1943. Jair foi campeão carioca em 1945, mas desentendimentos com a diretoria o levaram, dois anos mais tarde, para o Flamengo. No fim de 1949, seguiu para o Palmeiras, onde conquistou a Copa Rio de 1951, um torneio com jeito de mundial interclubes disputado no Brasil. Jair ainda foi campeão paulista pelo Santos em 1956, 1958 e 1960 (Pelé jogou quatro anos com ele). Em 1961, contrariando as previsões, ainda achou fôlego para atuar mais dois anos pelo São Paulo e outro pela Ponte Preta. Em 1963, aos 42 anos, Jair encerrou a carreira. Em 16 anos de Seleção, entre 1940 e 1956, atuou em 39 partidas e marcou 22 gols. Morreu em 28 de julho de 2005, aos 84 anos.

»Francisco Aramburu, o Chico, nasceu na cidade de Uruguaiana (RS). Jogador valente e de temperamento forte, foi campeão amador gaúcho pelo Ferro Carril e passou a defender o Grêmio em 1944. Apenas oito meses depois, assinou com o Vasco, onde se sagrou campeão carioca em 1945, 1947 e 1949. Convocado pela primeira vez em 1945, fez 19 partidas pelo Brasil, marcando 8 gols. A final contra o Uruguai foi sua despedida da Seleção. Em 1953, ainda no Vasco, encerrou a carreira e tornou-se taxista. Mais tarde, trabalhou também como vendedor de seguros. É o único dos jogadores de 1950 que afirmou ter recebido um prêmio por sua participação na Copa (um terreno em Arcozinhos, perto de Correias, no estado do Rio). Morreu em 1º de outubro de 1997, aos 75 anos.

»Flávio Rodrigues Costa tinha 43 anos em 1950 (nasceu no Rio de Janeiro em 14 de setembro de 1906). Como jogador, atuou de 1925 a 1934 pelo Flamengo, sempre como médio esquerdo. Na Gávea, ganhou o apelido de Alicate, por ter as pernas arqueadas. Em 1935, aos 29 anos, iniciou a carreira de técnico, no próprio Flamengo. No fim de 1936, saiu para dirigir a Portuguesa carioca e, mais tarde, o Santos. Em 1939, voltou ao rubro-negro e conquistou o Campeonato Carioca de 1939 e o tri de 1942, 1943 e 1944. No ano seguinte, transferiu-se para o Vasco e lá criou um sistema de jogo, a "diagonal", que era uma variação do WM inglês. Como técnico da Seleção, de 1944 a 1952, Flávio Costa dirigiu a equipe em 56 jogos, conquistando 36 vitórias. Seu maior (e pior) título é o vice mundial de 1950. O melhor é o Sul-Americano de 1949, disputado no Rio. Depois da Copa de 1950, continuou sua carreira de treinador, embora sem o prestígio unânime de antes, e só conquistou um título importante: o de campeão carioca de 1963, pelo Flamengo. Aos 70 anos, em 1976, Flávio se aposentou do futebol, como supervisor do Volta Redonda. Morreu aos 93 anos, no Rio de Janeiro, em 22 de novembro de 1999.